



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JULIANA ROSA ARAÚJO

**O JORNAL ALTERNATIVO “LAMPIÃO DA ESQUINA” E O
MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO CONTEXTO DA DITADURA
CIVIL-MILITAR (1978-1981)**

RECIFE
2024

JULIANA ROSA ARAÚJO

**O JORNAL ALTERNATIVO “LAMPIÃO DA ESQUINA” E O
MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO CONTEXTO DA DITADURA
CIVIL-MILITAR (1978-1981)**

Monografia apresentada ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marcilia Gama da Silva

RECIFE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A663j

Araújo, Juliana Rosa

O JORNAL ALTERNATIVO "LAMPIÃO DA ESQUINA" E O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO
CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1978-1981) / Juliana Rosa Araújo . - 2024.
61 f.

Orientadora: Marcília Gama da Silva.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2024.

1. Homossexualidade. 2. Imprensa Alternativa. 3. Ditadura Civil-Militar. 4. Lampion da Esquina. I. Silva,
Marcília Gama da, orient. II. Título

CDD 909

JULIANA ROSA ARAÚJO

O JORNAL ALTERNATIVO “LAMPIÃO DA ESQUINA” E O MOVIMENTO
HOMOSSEXUAL NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1978-1981)

Monografia apresentada ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História.

Recife, 26 de Fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcília Gama da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Profa. Dra. Lúcia Falcão Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Dr. Thiago Nunes Soares
Universidade de Pernambuco (UPE)

RESUMO

“Lampião da Esquina” (1978-1981) foi um jornal brasileiro que circulou no contexto de disensão da Ditadura Civil-Militar, com foco na discussão da homossexualidade. Este trabalho propõe analisar e refletir sobre o periódico e sua produção discursiva, questionando o que ele revela sobre o movimento homossexual no momento de sua produção. Sob essa ótica, entende-o como um ato coletivo de “tomada da palavra” dos homossexuais brasileiros, conceito que expressa uma revolução simbólica liderada por um grupo que busca se inserir no espaço público e político, mas não possui as bases reflexivas necessárias. Primeiramente, o trabalho discute a relação da Ditadura com a homossexualidade, analisando como o regime cerceia as formas de sociabilidade e visibilidade dessa subcultura emergente, fazendo com que a abertura ditatorial seja um momento propício para a ascensão desse coletivo, impulsionado também por um contexto mais amplo de politização da identidade e organização homossexual. Em seguida, analisa como a perspectiva positiva, intelectualizada e politizada do jornal se destaca na conjuntura midiática da época, marcada por discursos desqualificadores da homossexualidade. Por fim, foram selecionadas temáticas recorrentes nas capas do “Lampião da Esquina” - a partir de edições disponibilizadas no acervo digital CEDOC - Centro de Documentação Prof Dr Luiz Mott - que bem expressassem a a organização coletiva e revolução simbólica por parte dos homossexuais brasileiros. Por meio de uma análise textual-discursiva dos textos selecionados, concluiu-se que as páginas do periódico são marcadas pelo tensionamento de perspectivas conflitantes, o que indica seu papel de construção e discussão identitária e política, e não de mera divulgação de um discurso previamente estabelecido. Assim, entende-se o “Lampião da Esquina” como uma mídia alternativa que buscou abrir um espaço de discussão para múltiplos agentes e discursos previamente silenciados, e como fonte valiosa para destacar e relembrar a luta histórica das sexualidades dissidentes e seu potencial criativo e revolucionário.

Palavras-chave: Homossexualidade; Imprensa Alternativa; Ditadura Civil-Militar; Lampião da Esquina;

ABSTRACT

"Lampião da Esquina" (1978-1981) was a Brazilian newspaper that circulated during the detente of the Civil-Military Dictatorship, focusing on the discussion of homosexuality. This work aims to analyze and reflect on the periodical and its discursive production, questioning what it reveals about the homosexual movement at the time of its production. From this perspective, it understands it as a collective act of "capture of speech" by Brazilian homosexuals, a concept that expresses a symbolic revolution led by a group seeking to integrate into the public and political space but lacking the necessary reflective foundations. Firstly, the work discusses the relationship between the Dictatorship and homosexuality, analyzing how the regime restricts the forms of sociability and visibility of this emerging subculture, making the dictatorial opening a favorable moment for the rise of this collective, also driven by a broader context of politicization of identity and homosexual organization. Next, it analyzes how the positive, intellectualized, and politicized perspective of the newspaper stands out in the media context of the time, marked by disqualifying discourses about homosexuality. Finally, recurring themes on the covers of "Lampião da Esquina" were selected - from editions available in the digital archive CEDOC - Centro de Documentação Prof Dr Luiz Mott - that effectively expressed the collective organization and symbolic revolution by Brazilian homosexuals. Through a textual-discursive analysis of the selected texts, it was concluded that the pages of the periodical are marked by the tensioning of conflicting perspectives, indicating its role in identity and political construction and discussion, not mere dissemination of a pre-established discourse. Thus, "Lampião da Esquina" is understood as an alternative media that sought to open a space for discussion for multiple agents and previously silenced discourses, serving as a valuable source to highlight and remember the historical struggle of dissident sexualities and their creative and revolutionary potential.

Keywords: Homosexuality; Alternative Press; Civil-Military Dictatorship; Lampião da Esquina;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A HOMOSSEXUALIDADE E A DITADURA CIVIL-MILITAR	12
3 O “LAMPIÃO DA ESQUINA” E A HOMOSSEXUALIDADE NA IMPRENSA	24
3.1 A HISTÓRIA DO LAMPIÃO DA ESQUINA	25
3.2 A HOMOSSEXUALIDADE NA IMPRENSA	30
3.3 A IMPRENSA HOMOSSEXUAL PRÉ-DITADURA	32
4 AS DISCUSSÕES DO “LAMPIÃO DA ESQUINA” E O PROJETO DE INSERÇÃO POLÍTICA DO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO	37
4.1 A LUTA COLETIVA DAS MINORIAS	38
4.2 O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL ORGANIZADO	42
4.3 AS IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS	45
5 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o periódico brasileiro “Lampião da Esquina” - que, entre 1978 e 1981, circulou em território nacional divulgando discussões centradas na homossexualidade, sendo produzido e organizado por jornalistas, intelectuais, artistas e outros colaboradores homossexuais. Por meio dessa análise, busca refletir sobre como suas discussões revelam as preocupações e a tentativa de construção identitária e organização política de um grupo que busca se opor ao regime autoritário e sua visão negativa das práticas sexuais dissidentes, se conectar com as chamadas “minorias” (principalmente o movimento negro e feminista) e se inserir no processo de redemocratização, mas também escapar das formas tradicionais de organização política (COWAN, 2016, p. 84).

A partir do arcabouço historiográfico fornecido pelos trabalhos de James Green (“Além do Carnaval” e “Ditaduras e Homossexualidades”), Rita de Cássia Colaço (“De Daniele à Chrysóstomo: Quando Travestis, Bonecas e Homossexuais entram em cena”), Benjamin Cowan (“Securing Sex”) e outros autores sobre o tema na Ditadura Civil-Militar¹ e, mais especificamente, no período de circulação do periódico abordado (1978 a 1981), busca-se responder a seguinte questão: O que diz o “Lampião da Esquina” sobre a construção identitária do homossexual brasileiro, e como esse processo se insere no contexto específico do regime autoritário e sua abertura?

Primeiramente, discute-se o contexto político mais amplo em que se desenvolve o movimento homossexual representado no jornal, em uma dinâmica marcada pela Ditadura, sua perspectiva negativa da homossexualidade e dinâmica de abertura. Em seguida, é feita uma breve exposição da história de fundação do periódico e suas características gerais, assim como uma análise do tratamento dado a homossexualidade na conjuntura midiática em que se insere o jornal, buscando afirmar as particularidades do “Lampião da Esquina” enquanto produção discursiva. Por fim, será feita uma análise dos discursos divulgados nas páginas do jornal, a partir de três temas recorrentes, sendo esses: a conexão com outros grupos minoritários, o movimento homossexual organizado e as identidades homossexuais.

¹ O termo “civil-militar” foi apresentado pela historiografia como forma mais precisa para adjetivar o golpe de 1964 e do regime que lhe seguiu, visando lembrar que contaram não só com o apoio de parte da sociedade civil brasileira, mas com uma ação efetiva de elites civis.

Em abril de 1978, foi publicada a primeira edição do jornal (FIGURA 1), que viria a ser um marco fundador da primeira onda do Movimento Homossexual Brasileiro (GREEN, 2019, p. 446).

Figura 1 - Capa da edição experimental do “Lampião da Esquina” (Abril de 1978)



Fonte: CEDOC - Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 26 nov. 2023.

O projeto nasceu inspirado por uma entrevista com Winston Leyland, editor do “*Gay Sunshine*”², publicação periódica norte-americana dedicada aos homossexuais, durante uma visita do mesmo ao Brasil. O periódico “Lampião”, logo após rebatizado “Lampião da Esquina”, produziu trinta e oito edições, com uma circulação média de 10 a 15 mil exemplares de distribuição nacional - tiragem considerável para um jornal alternativo sem grandes pretensões financeiras - até ser encerrado devido ao desgaste causado por razões financeiras e por tensões internas e externas ao jornal. Já em seu primeiro editorial, a publicação propõe a pergunta: “Mas um jornal homossexual, para quê?” (SAINDO..., 1978, n. 0, p. 2) e oferece sua

² Um dos mais importantes jornais literários do movimento homossexual estadunidense, fundado em San Francisco no início da década de 70 e contando, até então, com mais de 30 mil leitores. Era conhecido por seu cunho político radical que destoava de outras publicações nessa temática (QUINALHA, 2021, p. 142).

resposta: “[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual” (SAINDO..., 1978, n. 0, p. 2). Seu projeto gráfico não era muito inovador em relação a outros jornais da imprensa alternativa, reservando sua preocupação ao conteúdo, mas chamava atenção o uso de cores vibrantes em capas monocromáticas, com colagens que despertam a curiosidade - características que permanecem presentes durante todo seu percurso, assim como o design de seu logo (FIGURA 2). Na composição, o chapéu faz referência ao cangaceiro que dá nome ao jornal e as formas geométricas utilizadas para compor seu rosto (óculos e nariz) sugerem uma forma fálica que deixa claro a ideia de subverter a figura do cangaceiro enquanto símbolo de virilidade. O genital masculino, símbolo de masculinidade, aqui funciona como reafirmação do direcionamento do desejo sexual dos homens que idealizam o jornal.

Figura 2 - Logo do “Lampião da Esquina”



Fonte: CEDOC - Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 26 nov. 2023.

“Lampião da Esquina” tinha em média dezoito páginas, contendo várias seções que eram compostas de um ou mais textos, relativamente longos. Houve mudanças durante sua trajetória, mas as seções mais presentes eram: “Opinião” (linha editorial), “Reportagem” (temas variados), “Entrevistas” (com figuras públicas, na maioria das vezes ligadas ao universo homossexual, ou, pelo menos, das minorias), “Ensaio” (contribuições livres de temas abertos), “Cartas na Mesa” (correspondência dos leitores e respostas bem-humoradas), “Badalo” (notícias estrangeiras sobre temas da homossexualidade), “Ativismo” (sobre os grupos do movimento homossexual), “Bixórdia” (seção de humor comandada por uma personagem fictícia), outras seções de dicas culturais, debate sobre questões

polêmicas e, já no fim do jornal, uma seção dedicada a ensaios sensuais masculinos, pensada para aumentar as vendas e se inserir em um contexto de ampliação do mercado de conteúdo erótico.

Ao longo de suas edições, discutiu uma ampla diversidade de questões, sempre na perspectiva de construir, de forma consciente, uma nova imagem que destoasse das divulgadas pelos “discursos verdadeiros” de autoridades políticas, religiosas, médicas ou criminalistas na tentativa de controle da sexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 63). O “Lampião da Esquina” não foi o primeiro periódico de ampla circulação a discutir questões que desafiavam a utopia autoritária pensada pelo regime civil-militar, se inserindo em uma tendência de publicações irreverente possibilitadas pelo abrandamento da censura, que ficou conhecida como Imprensa Alternativa. Mas, além de construir uma visão da sexualidade e da homossexualidade não vista mesmo nessas publicações mais progressistas (MAIOR, 2020, p. 428), ele se coloca como primeiro jornal homossexual com pretensão intelectual, política e circulação ampla, dando a esse grupo social um lugar que normalmente se limitava às sátiras e páginas policiais (QUINALHA, 2021, p. 147), em um momento de reconstrução ativa desta identidade no Brasil (SILVA, 2011, p. 23). Inspirado direta e indiretamente pelo movimento internacional por direitos homossexuais, pelo cenário de efervescência cultural e de liberação de costumes que tem início já na década de 60, impulsionado por um processo de visibilização dessa subcultura identificada já nos anos 50 que leva a uma ânsia por reconhecimento (GREEN, 2019, p. 263; RODRIGUES, 2012, p. 22) e pelos ventos favoráveis do abrandamento do regime, foi um dos primeiros grandes passos da caminhada do que viria a ser o Movimento LGBTQ+ brasileiro.

Sofrendo perseguição direta do regime por ferir a moral e os bons costumes, a partir da chamada Lei da Imprensa (QUINALHA, 2021, p. 161), o incômodo causado pelo “Lampião” e outras ações de visibilização dos homossexuais na imprensa, na mídia, nos campos políticos e até nos espaços urbanos (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 20-25), revela uma preocupação ideológica do regime com essas questões morais, que é inserida diretamente na retórica que o sustenta (COWAN, 2016, p. 142). Através de preocupações moralistas de uma paranóia anticomunista, a ideologia do regime associa a “degeneração de costumes” com uma conspiração que busca destruir o Ocidente através da dissolução da família, da moral e da subversão política da juventude - perspectiva que captura também

problemas como a promiscuidade heterossexual, o uso de drogas, as questões de gênero, tendências estéticas e a indústria de entretenimento (COWAN, 2016, p. 27). Esta preocupação é explicitada em discursos, propagandas e políticas e é fruto de instituições e indivíduos que já circulavam essa mesma visão décadas antes do golpe de 64, mas que, a partir dele, conseguem se inserir diretamente nas instâncias mais altas do poder estatal, fazendo da questão moral e sexual parte integrante da Doutrina de Segurança Nacional³, que justifica o caráter repressivo do regime (DUARTE, 2013, p. 4).

É inegável que a violência física foi direcionada, enquanto estratégia repressiva, aos subversivos políticos de fato, como o movimento estudantil, através de práticas como a tortura, desaparecimentos, assassinatos e exílios. Mas a não-existência de um projeto estatal organizado de eliminação dos corpos homossexuais (QUINALHA, 2021, p. 29) não exclui a realidade de um efeito direto sobre estes indivíduos, como perseguição pela Lei da Imprensa e censura das suas representações públicas (principalmente as positivas), intervenção em tentativas de organização e perseguições nos espaços urbanos. Assim, sendo as sexualidades dissidentes importantes na construção do inimigo interno, se faz essencial discutir o “Lampião da Esquina” enquanto expressão do discurso de um grupo social que incorpora parte desses medos, e contribuir para construir a memória do movimento LGBTQ+ brasileiro, tal qual se constrói a memória dessa luta nos Estados Unidos a partir de marcos referenciais como a Revolta de *Stonewall*⁴.

Além de contribuir para a formação de um referencial histórico para o movimento LGBTQ+ brasileiro, o presente trabalho também se justifica por buscar preencher uma lacuna no campo de estudos das homossexualidades na Ditadura, identificada pelo historiador James Green (GREEN & QUINALHA, 2019, p. 19), referente à falta de trabalhos que busquem demonstrar o impacto desse momento autoritário na vivência desse grupo social sem remover completamente sua

³ Na Doutrina de Segurança Nacional, o regime combate o “inimigo interno”, identificado com setores da oposição, passíveis de infiltração pela ação comunista, direta ou indiretamente. Incluíam-se, na lista, estudantes, sindicalistas, intelectuais, movimentos sociais e os que pudessem provocar “antagonismos” e “pressões” de desestabilização da ordem. Nesse sentido, a degradação moral era vista pela Doutrina como uma das armas usadas pelos comunistas para desagregar a sociedade tornando-a campo fértil para a disseminação de suas ideias e servindo de respaldo ideológico (DUARTE, 2013).

⁴ Evento ocorrido em 1969 na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, em que indivíduos homossexuais e travestis reagiram violentamente e resistiram a mais uma ação policial de apreensão em um ponto de sociabilidade desse grupo conhecido como *Stonewall Inn*, alvo frequente da vigilância e violência policial.

autonomia e negar a relevância de suas questões internas . Ao abordar um periódico homossexual e destacar a importância do contexto autoritário na dinâmica de sua fundação e desenvolvimento, mas destacar também o trabalho de criação e discussão identitária exercido através dele, esta pesquisa busca trabalhar em direção ao equilíbrio pensado por Green ao chamar atenção para essa lacuna.

Assim, esse trabalho se insere na perspectiva da História Cultural ao buscar abordar um objeto cultural que expressa a “matéria-prima” cultural em si, ou seja, “as ‘visões de mundo’, os sistemas de valores [...] as concepções relativas a estes vários grupos sociais” (BARROS, 2005, p. 6) e mobilizando, principalmente, o conceito de “tomada da palavra”, trabalhado por Michel Certeau, para expor a revolução simbólica representada nas páginas do “Lampião da Esquina”. Toda a coleta documental (periódicos) será feita a partir do acervo digital CEDOC - Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, iniciativa do Grupo Dignidade acessível a partir do *website* da organização.

2 A HOMOSSEXUALIDADE E A DITADURA CIVIL-MILITAR

A Ditadura instaurada com o golpe de 1964 é um período marcante da história brasileira que vem sendo amplamente estudado e analisado de diversas formas, com foco em diferentes segmentos, vivências e transformações causadas ou marcadas por esse contexto histórico autoritário. Nesse sentido, seguindo à abertura da História a temas que fogem do foco exclusivo nas “ações de grandes homens”, temas como a resistência política, o florescimento cultural e os movimentos sociais que se desenvolveram em meio à Ditadura vem ganhando espaço na historiografia. Entretanto, no seu cruzamento com o campo de estudos das homossexualidades (que também se encontra em expansão devido a essa mesma abertura temática), ainda observa-se certa limitação ao pensar o desenvolvimento da homossexualidade enquanto identidade aglutinadora de um movimento sociopolítico e o contexto mais amplo em que ocorre esse processo, marcado pelo autoritarismo. Ou seja, há uma ausência de abordagens que representem a relação entre as sexualidades dissidentes e mudanças produzidas pelo regime, e as existentes tendem a ignorar a relativa autonomia do tema em relação aos processos políticos mais amplos ou as desconectam completamente do contexto geral (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 19). Esse cenário é agravado por uma tendência reducionista ainda pertinente no campo de estudos da Ditadura, que coloca a “chave política” como principal forma de leitura desse período e questões “relacionadas ao plano comportamental, quando mencionadas, são tomadas apenas como epifenômenos de uma variante política fundamental” (MARCELINO, 2006, p. 22).

É comum entender a sexualidade enquanto um fenômeno limitado à instância privada, uma “realidade íntima que não seria de interesse da sociedade” (PIOVEZAN; FONTOURA, 2015, p. 2408), assim distanciando esse universo de discussões e cenários considerados mais abrangentes ou pertinentes, como elementos políticos ou econômicos. Essa negação da sexualidade enquanto fenômeno relevante que abrange diversas questões - até aquelas não diretamente relacionadas ao sexo - pode parecer indicação de um simples silenciamento ou repressão das sociedades ocidentais sobre o tema. Mas, como afirma Michel Foucault, o tratamento do sexo enquanto fenômeno social vai além de atitudes repressivas que buscam silenciá-lo ou escondê-lo, já que “a partir do fim do século XVI, a colocação do sexo em discurso, em vez de sofrer um processo de restrição,

foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação” (FOUCAULT, 1988, p. 15). Foucault descreve um processo histórico de relação entre sexo e poder, definido pela multiplicação de discursos, categoriais e modelos sexuais a partir do desenvolvimento do chamado dispositivo da sexualidade:

[...] um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E, através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a "sexualidade" enquanto verdade do sexo e de seus prazeres (FOUCAULT, 1988, p. 48).

Nesse sentido, a sexualidade enquanto conceito é expressão de um projeto de organização do sexo e dos fenômenos sexuais, permitindo uma divisão entre lícito e ilícito nesse campo, com a categorização de sexualidades hegemônicas e periféricas mediante um saber científico especializado. O sexo, mesmo quando discutido, permanece como um segredo revelado, como se o discurso que o comenta estivesse quebrando barreiras invisíveis apenas por ousar mencioná-lo, quando, na verdade, se inscreve nessa mesma lógica de poder que constrói a sexualidade enquanto ordenação (e não apenas contenção ou restrição) do sexo.

Assim, sexo e sexualidade, quando não isolados nesse campo de saber especializado, acabam como elementos puramente privados que não tem influência ou contato com assuntos políticos. É dessa forma que questões ligadas às homossexualidades permanecem marginalizadas em discussões sobre o período ditatorial brasileiro. Para permitir uma análise que tenha como foco o potencial criativo e político dos homossexuais enquanto grupo social inserido em um contexto histórico marcado pelo autoritarismo - caráter expresso pelo “Lampião da Esquina” enquanto objeto de pesquisa - é essencial serem esclarecidos os contatos entre a Ditadura e as questões da homossexualidade.

A retórica que justifica o autoritarismo do regime ditatorial tem características de guerra. Na lógica da Doutrina de Segurança Nacional, em que o regime combate o inimigo interno e a infiltração pela ação comunista, cabe ao Estado de Segurança Nacional determinar, em última instância, quem era o inimigo e que atividades constituíam ameaças (DUARTE, 2013, p. 4). Esse inimigo não era identificado apenas na oposição política explícita ao governo vigente, mas também em comportamentos considerados da ordem privada, como sexualidade e consumo de drogas (COWAN, 2016, p. 81). A linha de ações do regime, construída a partir da Doutrina, defendia que ataques externos e internos “poderiam assumir diversas

naturezas (política, econômica, psicossocial, militares) e formas (violência, subversão, corrupção, tráfico de influência, infiltração ideológica ou desagregação social) (DUARTE, 2011, p. 4). Assim, a degradação moral era vista como uma arma comunista, usada para desagregar a sociedade, construindo campo fértil para disseminação ideológica. Não só o ideário golpista, mas suas linhas de ação alimentavam-se nesse aspecto de elementos do imaginário anticomunista brasileiro disseminado a partir da segunda década do século XX, que via nas ideias comunistas um risco para a preservação da moral e dos bons costumes e da estrutura familiar que definia as bases da sociedade conservadora. Nessa perspectiva, a promiscuidade sexual heterossexual, o consumo de drogas e a homossexualidade configuravam comportamentos que, se não criados (a partir da influência de jovens pela indústria cultural, por exemplo), poderiam ser aproveitados por um movimento conspiratório comunista infiltrado em território brasileiro, o 'Movimento Comunista Internacional' (MCI) (BRITO, Antonio, 2019, p. 4). Essa preocupação moral está presente desde o início do regime, mas se torna ainda mais pertinente a partir do enfraquecimento da esquerda armada⁵ e do movimento estudantil (QUINALHA, 2021, p. 29), devido à necessidade de um conflito que justifique o autoritarismo. Assim, a homossexualidade figura como um dos mais perigosos caminhos para a subversão política, porque, diferente da promiscuidade heterossexual, que ainda remete ao modelo heteronormativo, quebra completamente o molde comportamental da sociedade cristã ocidental:

A quebra da convenção moral e cultural, entendida como oposição a segurança nacional, não podia estar mais aparente do que na visibilidade crescente da homossexualidade masculina, que os agentes da inteligência viam como um plano subversivo [...] enquanto valores de direitos homossexuais emergiam no fim dos anos 70, essas preocupações evoluíram. Para as forças de segurança, o movimento gay e a atenção midiática que recebia era parte de um plano comunista para normalizar o desejo homossexual. Nessa perspectiva, representava uma naturalização marxista da depravação, visando debilitar a segurança nacional e a sexualidade nacional (COWAN, 2016, p. 48, tradução nossa).

Apesar de se tornar mais exacerbada frente ao momento de liberação dos costumes e ampla visibilidade de comportamentos dissidentes - como na

⁵ Termo utilizado para se referir aos grupos de oposição ao regime militar que adotaram a luta armada e guerrilha como forma de resistência e para fins revolucionários. A luta armada não foi um consenso entre a esquerda brasileira e enfraqueceu consideravelmente enquanto estratégia após a derrota da Guerrilha do Araguaia, movimento guerrilheiro de cunho socialista estabelecido na Amazônia, exterminado em 1974 pelas Forças Armadas (SALES, 2020, p. 31).

popularização da androginia⁶ (GREEN, 2019, p. 421), fortalecimento da presença de mulheres no mercado de trabalho e surgimento de novos métodos anticoncepcionais que facilitavam comportamentos sexuais não-reprodutivos (COWAN, 2016, p. 71) - é importante ressaltar que não é possível considerar essa preocupação moral do regime como uma mera reação autoritária localizada, relacionada apenas a mudanças socioculturais específicas do Brasil nesse período. Essa associação de questões morais com subversão política pode ser identificada em outros contextos. Nos Estados Unidos pós-guerra, por exemplo, destaca-se o pânico que se criou sobre questões morais, incluindo a homossexualidade, em paralelo ao pânico anticomunista:

No final dos anos 40 e na década de 50, os Estados Unidos foram tomados por uma variedade de pânicos, a maioria dos quais, em retrospectiva, parece mais ou menos irracional. Mas o medo do comunismo foi acompanhado de outros: medo da homossexualidade, da delinquência juvenil (e, de forma mais ampla, da cultura adolescente) [...] Tais crenças prevaleciam em áreas relevantes, como o Congresso, por exemplo (EPSTEIN, 1994, p. 21, tradução nossa).

No Brasil, essas ansiedades são expressas já na década de 30, na ideologia integralista (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 30), mas não foram instrumentalizadas da mesma forma que no contexto ditatorial. O historiador Benjamin Cowan (2016) afirma a existência de uma “tecnocracia moral” - grupos de intelectuais com tendências conservadoras e autoritárias que produziram discursos ideológicos sobre a ligação entre subversão política e moral - presente no Brasil na Era Vargas, como parte da base de apoio do governo. Mas, anteriormente ao golpe de 64, essas ansiedades morais não eram consideradas prioridades pelas autoridades governamentais, causando, inclusive, conflito entre esses conservadores e as altas cúpulas do governo:

Moralistas tinham (e sentiam ter) mais poder no auge de sua influência na Ditadura pós-64 do que durante o regime de Getúlio Vargas (1930-45) [...] até então, os guerreiros culturais não eram onipotentes; eram, na verdade, extremamente frustrados. No entanto, tiveram um papel ideológico fundamental. Sua perspectiva moldou noções doutrinárias e práticas sobre o funcionamento da subversão (COWAN, 2016, p. 29, tradução nossa).

Assim, no contexto ditatorial iniciado em 64, esse grupo de conservadores, que antes tinha suas preocupações morais negligenciadas pelas autoridades

⁶ Androginia refere-se a mistura de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma de descrever algo que não é nem masculino e nem feminino. Nos anos 70, representações andróginas se tornaram mais comuns no cenário cultural. No Brasil, figuras como Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquettes representam essa tendência ao centralizar homens que se dotavam de adereços e comportamentos afeminados, mas sem negar explicitamente sua masculinidade (GREEN, 2019, p. 92).

governamentais, consegue se colocar em uma posição privilegiada nos espaços de poder políticos. É isso que aponta o teor moralista reacionário de boa parte dos escritos da Escola Superior de Guerra (ESG), espaço oficial de produção ideológica do regime com contato direto com as altas cúpulas governamentais, onde a tecnocracia moral solidificou a união dos conceitos de degeneração e subversão:

Pesquisas, discursos em conferências e artigos da ESG [...] transbordavam com referências diretas a essa crise, epidêmica em proporção e manifestação [...] Essas assertivas, algumas datando de 1950, ligavam essa grande lista de pecados, do divórcio ao “amor livre” ao anticoncepcional, e conectavam tudo ao comunismo e à segurança nacional (COWAN, 2016, p. 141, tradução nossa).

Fica claro que a questão moral na Ditadura parte de uma herança histórica potencializada pelo contexto e pelas necessidades ideológicas do regime, e tiveram destaque devido a uma melhor colocação desses agentes moralistas dentro das instâncias de poder do regime. Nesse sentido, esse pânico moral “sugere uma cultura profundamente assustada de qualquer um que não se encaixe facilmente e que via dissidência [...] como uma ameaça à estabilidade social” (EPSTEIN, 1994, p. 43, tradução nossa), o que se alinha com a concepção do projeto autoritário da Ditadura como um projeto uniformizador da sociedade, ligado a uma utopia autoritária que precisa neutralizar comportamentos dissidentes (SILVA, 2021, p. 171). Assim, não se pode confundir esse moralismo autoritário com uma continuidade de preconceitos comuns na sociedade em geral, como a homofobia, sendo necessário estabelecê-lo como uma arma ideológica importante na base de sustento de regimes com pretensões autoritárias. Para além dos paralelos apresentados, outros regimes, como o nazifascista e o stalinista (QUINALHA, 2021, p. 18), também associaram questões morais, principalmente a homossexualidade, à corrupção moral e política, mostrando a permanência desse pânico ao longo do espectro político binário de direita e esquerda.

Essas preocupações não se restringiam ao campo ideológico, e se refletiam nas ações do regime. No caso dos homossexuais, não é possível se referir a um projeto organizado de extermínio (QUINALHA, 2021, p. 15), como ocorreu com a esquerda marxista e o movimento estudantil, via torturas, desaparecimentos e assassinatos. Mas isso não significa que as políticas e ações ditatoriais não impactaram negativamente a vida de indivíduos sexualmente dissidentes e sua organização enquanto coletivo. A discriminação contra esses indivíduos não se iniciou durante a Ditadura, sendo a perseguição e proibição da expressão de

desejos homoeróticos presente já no início da colonização da América portuguesa (TREVISAN, 2018, p. 61). Coerente com o processo descrito por Foucault de ordenação do sexo em discursos, a homossexualidade no Brasil foi proibida primeiro como ato pecaminoso e depois como identidade ilícita, sendo alvo de interesses médicos, legais e científicos, sob um ponto de vista higienista de melhoramento da nação a partir da eliminação dos vícios (GREEN, 2019, p. 200). Mas a eliminação de direitos democráticos e liberdades públicas desencadeada pelo golpe de 64 e o regime autoritário instaurado

[...] reforça o poder da polícia, a censura sobre as diversas esferas da vida e as arbitrariedades da repressão estatal, instituindo uma notória permissividade para a prática de graves violações dos direitos humanos de pessoas LGBT (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 19).

A repressão desse grupo pelo aparelho ditatorial pode ser observada de forma concreta na perseguição em espaços públicos. O uso de brechas legais, como a Lei da Vadiagem⁷ - devido a não existência de uma lei que proibisse a homossexualidade - para perseguir, coagir e prender homossexuais e travestis em espaços públicos foi uma estratégia potencializada pelo fortalecimento do aparelho policial durante a Ditadura (LOPEZ, 2020, p. 248). Esses indivíduos, principalmente travestis - que, devido à maior visibilidade da dissidência em vestimentas e comportamentos femininos, estavam mais suscetíveis à marginalização social, sendo muitas vezes levados à prostituição - eram constantemente perseguidos e presos (mesmo com posse de documento e comprovante de emprego, o que invalidaria a prisão por vadiagem) e sofriam agressões físicas, morais e psicológicas nas abordagens e delegacias:

Quando presas, as “vadias” eram torturadas e humilhadas com viés de gênero e sexualidade. Com a ascensão do uso de hormônios e silcones, uma prática policial comum era a de fechar uma gaveta no peito do travesti. A soltura geralmente dava-se a partir do pagamento de propina. Além disso, aquelas que não possuíam registro em carteira saíam com um ofício obrigando-as a conseguir um emprego no prazo de 30 dias (LOPEZ, 2020, p. 248).

A partir de depoimentos de travestis na Ditadura, percebe-se a apreensão e agressão policial como uma rotina, levando à disseminação de estratégias drásticas, como os costumes de manter navalhas escondidas debaixo da língua para prática

⁷ A previsão da condenação penal da vadiagem já se encontra no Código Penal de 1890, condenado qualquer indivíduo “sem ocupação”, mas é durante o período da Ditadura que se intensifica sua utilização contra pessoas sexualmente dissidentes, devido ao teor de vigilância do regime e à maior presença desses indivíduos em espaços públicos, com a consolidação de uma subcultura. Historicamente, a Lei de Vadiagem também foi utilizada para perseguir outros grupos socialmente vulneráveis, como negros, seguindo uma lógica de higienismo social.

de automutilação nas delegacias (QUINALHA, 2021, p. 47). Além disso, se potencializaram nesse período as operações de higienização urbana em locais de sociabilidade homossexual - geralmente, pontos públicos associados à prostituição hétero e homossexual ou locais que promoviam anonimato, como cinemas - como a Operação Tarântula, que buscava retirar travestis de espaços públicos (LOPEZ, 2020, p. 246). Além desses espaços “compartilhados” com outros segmentos, também ocorreu à perseguição (em menor escala) em espaços privados de sociabilidade, - como bares e boates, que serviam homossexuais de maior poder aquisitivo - alvos de vigilância e ação policial (LOPEZ, 2020, p. 246).

O ataque desses espaços de sociabilidade se torna mais grave quando se entende que, diferente da heterossexualidade, a homossexualidade não conta com o direito de livre expressão em todos os âmbitos sociais. Esses locais formam um gueto homossexual que, muitas vezes, é a única forma de sociabilidade desses indivíduos, seja para experiências românticas, sexuais, fraternização ou mesmo simples inserção em uma comunidade de iguais que permita uma sensação de pertencimento e a criação de debates identitários importantes para a afirmação social e política de um segmento social: “Esse mundo homossexual, procurado e recusado, símbolo da afirmação de si e da marginalização em um gueto, é um laboratório onde se experimentam novas formas de vida sexual e afetiva” (MACRAE, 2018, p. 134). Os encontros sexuais furtivos ainda poderiam acontecer como vinham acontecendo há séculos, mas é dificultada a constituição de relações significativas que possibilitem o florescimento de um grupo social aglutinado por uma identidade em comum, uma sensação de pertencimento e um reconhecimento de injustiças cometidas contra seu coletivo. Ou seja, experiências coletivas que quebrem a sensação de isolamento e despertem uma noção de potencial político e uma ânsia por reconhecimento.

Também a censura foi uma forma de perseguição, principalmente das representações positivas e visíveis da homossexualidade, que escapassem aos guetos, simbólicos ou físicos (GREEN, 2019, p. 409). A partir da chamada Lei de Imprensa, de 9 de fevereiro de 1967, são institucionalizadas as restrições à liberdade de expressão e informação, assim como o controle da imprensa e opinião pública, com previsão legal específica da perseguição de representações que desafiam os moldes da "moral e dos bons costumes" do regime (QUINALHA, 2021, p. 182). Também o endurecimento da censura das diversões públicas e a expansão

e fortalecimento de um aparato repressivo existente pré-regime (SILVA, 2021, p. 171) facilita a perseguição e proibição da presença de imagens da homossexualidade em espaços como a TV e a imprensa, a exemplo da cruzada contra figuras afeminadas na televisão, organizada por agentes governamentais e apoiada pela sociedade civil, que retirou figuras como os apresentadores Clodovis, Bornays e Deners da televisão devido aos seus comportamentos afeminados:

Aparentemente, Dener ameaçava a censura não por suas opiniões nada ortodoxas [...] mas antes pelo que representava. Seus trejeitos evidenciaram “uma ausência de virilidade” que começava a incomodar os censores. Esse incômodo foi incentivado por correspondências de pessoas comuns que exigiam que o estilista fosse retirado da televisão (SOLIVA, 2017, p. 17).

Tanto nas perseguições no espaço público quanto na censura midiática, chama atenção o apoio e até a pressão de civis para a remoção dessas representações (QUINALHA, 2021, p. 193), mostrando a ressonância dessa retórica moral do regime com a sociedade civil. Assim, ao mesmo tempo que proibia-se a presença desses comportamentos em espaços públicos, dissolvendo redes de sociabilidade e fortalecimento identitário, também era censurada a escassa visibilidade dessas dissidências na mídia, comprovando a preocupação do regime de eliminar as representações da homossexualidade, principalmente aquelas que quebrassem o molde desqualificador, patológico e criminalista previamente estabelecido:

Acusados de atentar contra a “moral e os bons costumes” (artigo 17 da Lei de Imprensa, cuja pena era de até um ano de prisão e multa de até vinte salários mínimos regionais), foram submetidos a inquérito criminal e/ou a ação penal jornalistas que ousaram pautar o tema das homossexualidade e/ou do movimento homossexual diferentemente da tradicional ótica estigmatizante (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 220).

É a partir dessas violências simbólicas e concretas que a Ditadura adia as possibilidades de constituição de um movimento organizado desse grupo, “postergando a emergência de atores políticos pautando esses temas no Brasil” (GREEN; QUINALHA, 2021, p. 302). Já na década de 50 é possível apontar o fortalecimento de um gueto homossexual baseado na sociabilidade (GREEN, 2019, p. 263) dotado de subcultura e debates identitários próprios. Importante frisar que a existência de locais e códigos próprios para encontros homoeróticos data de muito antes, já no início do século XX (GREEN, 2019, p. 65), mas refere-se aqui a uma subcultura relativamente autônoma e solidificada com produção discursiva e cultural. Mas, como estabelecido, a atividade de criação identitária desse grupo é seriamente

afetada pelo clima generalizado de medo e insegurança e pelas ações de repressão potencializadas pela Ditadura, dispersando esse protótipo de movimento social. Nesse sentido, é em meio à dinâmica de enfraquecimento e abertura do regime militar que são permitidas expressões da ânsia de reconhecimento e inserção política e social desse grupo identitário (TREVISAN, 2018, p. 314).

O processo de abertura da Ditadura é a conjuntura em que muitos grupos das chamadas “minorias” se organizam e se inserem politicamente, a exemplo não só dos homossexuais, mas também mulheres e negros. O fim da década de 60 e o início da década de 70 é um momento de consolidação de categorias identitárias, sociais e políticas novas, que superam a antiga compreensão, própria do marxismo, da classe social como único definidor da diferença (KRUGER, 2010, p. 140). Não só no cenário nacional, a fórmula do “pessoal como político” é impulsionada por um contexto de contracultura que incentiva uma revolução individual e de costumes como forma de ameaça ao sistema, trazendo uma concepção de poder multifacetado que coloca a identidade como fator aglutinador e campo de luta política (KRUGER, 2010, P. 141). Assim, esses movimentos compartilham características que estão presentes no movimento homossexual em sua fundação: oposição à política liberal capitalista do Ocidente e à política “estalinista” do Oriente, a afirmação das dimensões “subjetivas” e “objetivas” da política, crítica às formas burocráticas de organização e ênfase na forma cultural.

A crítica à esquerda marxista se torna ainda mais relevante no caso do movimento homossexual que, além de ser desprezado por ir contra a ideia de “luta maior” das classes sociais, também sofria com a homofobia dentro desse segmento. Apesar da retórica ditatorial colocar a homossexualidade e a promiscuidade como arma comunista, a esquerda, em boa parte, adotava modelos conservadores para questões morais, sexuais e de gênero (COWAN, 2016, p. 84), o que refletia no seu tratamento com mulheres e homossexuais. No contexto de efervescência cultural iniciado na década de 60, o processo de distensão da Ditadura no fim dos anos 70 trazia à tona esperanças e tensões:

Depois de anos de sufoco, a vida cultural do país fervilhava e muitos acreditavam que estivéssemos à beira de realizar grandes mudanças socioculturais. [...] A própria contestação foi afetada pelo espírito de inovação. Os longos anos de ditadura haviam promovido uma crise na intelectualidade, semeando a inquietação e a dúvida a respeito das concepções políticas tradicionais. [...] A teoria e a prática das esquerdas eram questionadas, criticando-se também seu conservadorismo cultural,

refletido na sua dificuldade em inovar nas áreas das artes e dos costumes (MACRAE, 2018, p. 94).

Paralelamente, as décadas de 60 e 70 são momentos marcantes para demonstrações concretas da ânsia de reconhecimento e organização política por parte dos homossexuais ao redor do mundo. Na América do Norte e na Europa, grupos homossexuais já se organizavam desde a década de 50, mas mesmo assim é esse um momento de forte inserção no cenário político público, em contraste com as expressões anteriores (RODRIGUES, 2012, p. 78). É justamente nesse contexto que se dissemina a palavra *gay*: termo que expressa uma identidade mais politizada e “própria” para aceitação social, que busca fugir de uma figura considerada superficial e apegada aos moldes heteronormativos de gênero, marcada pela divisão de papéis sexuais rígidas e adoção de traços efeminados por homossexuais passivos (SILVA, 2011, p. 46). Paralelamente a termos como “bicha”, “veado”, “sapatão” e “entendido”, *gay* (ou guei, em sua versão adaptada ao português) indica uma nova identidade homossexual⁸ com perfil e características próprias, condizentes com esse momento de inserção no espaço político público e saída do gueto. Nesse sentido, de forma predominante, esse trabalho dará preferência à palavra homossexual enquanto termo “neutro” que indica indivíduos que sentem e praticam seu desejo sexual por outros do mesmo gênero, a partir do qual se desenvolvem identidades socialmente determinadas.

No Brasil, como já foi estabelecido, as formas de socialização informais desse grupo social foram prejudicadas pelo regime, mas, com a distensão da Ditadura, o momento de questionamento das formas políticas tradicionais, o contexto internacional de organização homossexual e a ascensão dos movimentos de minoria, é possibilitado o início da efetiva organização dos homossexuais brasileiros, representada, principalmente, pelo grupo paulista Grupo Somos de Afirmação Homossexual⁹ e pelo periódico “Lampião da Esquina”, ambos criados em 1978.

Entre nós, também no interior das subculturas homossexuais, caracteristicamente urbanas, verificam-se diversas expressões das ideias de liberdade e protagonismo em curso na Europa e nos Estados Unidos,

⁸ A ascensão de um novo perfil identitário homossexual não indica a extinção de todos os outros, apenas indica mudanças e tensões dentro das redes de sociabilidade e surgimento de novos debates identitários.

⁹ O Grupo SOMOS não é o único grupo de ação homossexual iniciado nesse período, mas, na análise de pesquisadores do tema, como Green (2019) e Mcrae (2018), foi pioneiro na amplitude de sua articulação, e é a partir dele e sua atuação que começam a se multiplicar as células de organização homossexual. É devido a esse aspecto que foi selecionado o SOMOS como outro exemplo de “tomada da palavra” homossexual, para comparação com o “Lampião”.

aliadas às ânsias por participação e democracia, decorrentes do quadro político-institucional do país. Seja através da imersão direta naquelas culturas, no autoexílio decorrente do golpe militar de 1964, seja da mediação constituída pelo acesso a publicações oriundas do movimento estadunidense, ou, ainda, pela circularidade mais difusa dessas ideias, travestis, bonecas, viados, gueis e lésbicas passam a expressar o desejo de associação, objetivando o encaminhamento de suas questões específicas, notadamente a referente à discriminação (RODRIGUES, 2012, p. 22).

Enquanto o Somos funcionava como uma organização de discussão e atuação em debates e eventos (MACRAE, 2018, p. 32), “Lampião da Esquina” foi um jornal que buscava noticiar e discutir temas e questões pertinentes ao homossexual brasileiro e sua vivência. Em comparação ao Somos, se destaca o caráter mais aberto do periódico: não só podia ser lido por todos (homossexuais ou não) como queria e buscava ser lido por vários público. O Somos tinha uma política estrita de só aceitar homossexuais como membros, de preferência aqueles que se encaixassem no seu perfil relativamente rígido do que é um homossexual “válido”, excluindo identidades sexuais ambíguas e expressões particularmente afeminadas (MACRAE, 2018, p. 27). Dessa forma, apesar das ocasionais ações para divulgar seu discurso, a discussão produzida pelo Somos acaba restrita a um grupo seletivo, diferentemente do “Lampião da Esquina”, que tem como seu principal objetivo ampliar seu alcance. É importante ressaltar que, apesar de compartilharem o ano de criação e suas trajetórias se cruzarem, as duas iniciativas não são um projeto unificado e, com o tempo, a relação do periódico com o grupo se desgasta por tensões internas ao movimento homossexual - a relação com a esquerda marxista, as formas de organização e a concepção de ativismo e homossexualidade - e a parceria é encerrada (MACRAE, 2018, p. 117).

Além de apresentar as características já citadas dos movimentos identitários que surgem nesse contexto, um dos aspectos mais marcantes desses marcos fundadores é a imersão em um processo ativo de formulação identitária. Levando em conta a homossexualidade como fenômeno socialmente determinado, ou seja, o desejo homoerótico e suas expressões assumem diferentes significados conforme o contexto específico em que se desenvolve (WEEKS, 2006, p. 130), não é possível configurar esse momento de organização como um momento de expressão das identidades homossexuais, mas como um momento de discussão e criação dessas identidades. A partir do conceito de tomada da palavra, estabelecido por Certeau (1995), entende-se que uso público da palavra implica um trabalho a ser realizado, e não só uma ação constituinte. Nesse sentido, ao se organizarem em grupos com

pretensão política de oposição ao regime vigente - mesmo que não na política da esquerda marxista - e de inserção pública e visibilidade de sua luta por direitos no momento de redemocratização, os homossexuais encontram um desafio no caráter inaugural de suas lutas.

Mas, para que realize toda a sua potência, há que promover a inscrição dessa autonomia autoproclamada em um programa de reivindicações, ou seja, numa agenda política [...] uma vez que nasce precisamente promovendo a impugnação ao acervo de significações e lugares instituídos, não dispõem tais atores e coletivos de modelos nos quais possam se apoiar para se organizar (RODRIGUES, 2012, p. 20).

Para a realização da tarefa cultural e política implicada nessa tomada da palavra, precisa-se superar o desafio de não contar com uma linguagem ou com um programa prévio, sendo necessário uma produção de sentidos - processo que, seguindo o trabalho de Marcelo Marques (2020) sobre a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe, ocorre a partir do momentos em que "diferentes elementos, isto é, diferentes particularidades discursivas dispersas no campo da discursividade, iniciam uma relação articulatória, criando uma cadeia de equivalências" (MARQUES, 2020, p. 15). Sob essa mesma perspectiva, é possível identificar esse ato de "tomada da palavra" dos homossexuais como um de articulação, no sentido de ser uma prática que estabelece "uma relação entre elementos de tal modo que sua identidade seja modificada [...]. A totalidade estruturada resultante desta prática articulatória, chamaremos de *discurso*" (MARQUES, 2020, p. 15).

Para que sua luta seja efetiva, é importante que seus agentes sejam capazes de elaborar um conjunto de significações próprias e realizem disputas necessárias às suas validações e institucionalização. Assim, para que esses indivíduos emergentes na cena pública se constituam enquanto agentes políticos e obtenham o reconhecimento das suas demandas, devem reunir condições necessárias à instituição de uma nova representação: linguagem própria e atribuição de usos e significados novos à palavras existentes, revelando sentidos previamente ignorados (CERTEAU, 1995).

Assim, o movimento homossexua busca construir sua autonomia e empreender um trabalho de discussão identitária entre seus membros. Enquanto periódico de ampla circulação, o "Lampião da Esquina" concentra essas discussões e expressa o momento de criação identitária desse grupo social, a partir de uma produção discursiva jornalística que busca divulgar esses debates para além do gueto.

3 O “LAMPIÃO DA ESQUINA” E A HOMOSSEXUALIDADE NA IMPRENSA

O periódico “Lampião da Esquina” se configura como uma fonte privilegiada dos debates e perspectivas movimentados por homossexuais na tentativa de construção de uma identidade coletiva e de representações que desafiassem as predominantes, facilitando sua inserção no espaço público e político. De forma geral, os homossexuais se encontram estigmatizados pelo seu desafio das normas da masculinidade, que se constitui enquanto “um lugar simbólico\imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação [...] que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados” (OLIVEIRA, 2004, p. 13). A identidade masculina é uma construção subjetiva baseada em signos de honra, prestígio e dominação, que se afirma através de vivências e condutas específicas, muitas vezes violentas e excludentes (OLIVEIRA, 2004) e, no contexto de uma sociedade patriarcal e heteronormativa, na sua relação de dominação - simbólica e sexual - da mulher. Sendo a própria noção de gênero, enquanto representante do determinismo biológico, “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 2017, p. 7), entende-se que essa identidade masculina que baseia uma sociedade patriarcal e heteronormativa tem seus códigos e sua própria noção de ordem social desafiada não pela mera existência da homossexualidade enquanto segredo, pecado ou perversão - categorias que a destacam enquanto desvio da norma - mas pela possibilidade de sua naturalização enquanto comportamento sexual humano sadio que desestabiliza as bases de uma ordem social baseada no gênero enquanto “organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 2017, p. 2).

[...] ser homem significa não ser homossexual. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres [...] a homofobia também deixa transparecer um desprezo a quem é sexualmente “submetido”, um desprezo ao homem que, abandonando sua posição de homem, assume a posição que cabe à mulher (BADINTER, 1993, p. 117).

É esse o perigo representado pela homossexualidade que explica o cenário de exclusão e estigmatização que os homossexuais brasileiros buscam enfrentar com um ato de tomada da palavra - cenário reproduzido em todos os âmbitos sociais, incluindo a imprensa.

Entendendo a imprensa como força social ativa e como fonte histórica documental dotada de particularidades próprias, é necessário distanciar-se de uma

perspectiva que “descartava a imprensa como fonte “fidedigna” e a olhava com desconfiança, questionando sobre sua parcialidade e engajamento” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 6). Esse tipo de abordagem dos periódicos enquanto fontes históricas pertence a:

[...] certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos [...] Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões (LUCA, 2005, p. 113).

Mas, alinhado ao movimento de abertura temática da História (LUCA, 2004, p. 113), emerge uma abordagem que possibilita o uso de periódicos e outras fontes impressas como fonte histórica válida:

[...] alterou-se o modo de inquirir os textos, que interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam e, poderíamos completar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem (LUCA, 2005, p. 113).

Não só as mídias possuem opiniões que guiam seu editorial, mas, em sua atuação, delimitam temas, mobilizam opiniões, adesões e consensos. Em diferentes conjunturas, a imprensa não só assimila interesses de diferentes forças sociais, mas também é, por si só, espaço privilegiado da articulação desses projetos (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 6). Deve-se entender o “Lampião da Esquina” enquanto representação da imprensa como espaço de poder e empoderamento de um segmento social que quer ser reconhecido e visibilizado.

Faz-se necessário entender a história, o desenvolvimento e as características gerais do periódico em questão e como ele se insere na conjuntura de produção jornalística da época. Nesse sentido, busca-se construir uma ‘história através da imprensa’, colocando-a como fonte primária e estabelecendo um olhar e uma crítica interna da fonte enquanto texto elaborado no contato com a realidade (ZICMAN, 1985, p. 1).

3.1 A HISTÓRIA DO LAMPIÃO DA ESQUINA

Entre 1964 e 1980, nasceram e deixaram de existir cerca de 150 periódicos que tinham em comum a oposição ao regime militar (KUCINSKY, 2001, p. 9). Essa conjuntura midiática ficou conhecida como imprensa alternativa - por se contrapor a imprensa tradicional, que tinha, de forma geral, aderido ou se conformado ao regime

- ou imprensa nanica, termo mais pejorativo que referencia, principalmente, a escala de produção e o formato tabloide dessas publicações. Além dos alternativos políticos, de inspiração marxista e, muitas vezes, associação partidária, havia a categoria de alternativos “existenciais”, inspirada pela contracultura norte-americana dos anos 50 e 60, que investia contra o autoritarismo principalmente na esfera dos costumes e da moralidade. A imprensa alternativa é não só espaço de discussão e comunicação que tenta escapar das amarras do autoritarismo, mas também de reorganização política e ideológica no contexto autoritário e “adquire uma importância que extravasa sua aparência como conjunto de jornais ou como criação ideológico-cultural” (KUCINSKY, 2001, p. 11). Essas publicações foram possibilitadas por inovações tecnológicas que tornavam a impressão de tiragens menores mais acessível e pela ânsia jornalística de procurar espaços de expressão em meio a vigilância nos meios tradicionais. Apesar de muitos jornais terem duração de pouco mais de um ano, a imprensa alternativa teve papel importante não só como resistência específica à Ditadura:

A ditadura, entretanto, não foi a única razão de ser da imprensa alternativa. Nem a ditadura podia sozinha explicar a riqueza do fenômeno alternativo, a diversidade de suas manifestações ou a tentativa, conforme Ana Maria Nethol, de criar todo um “modelo ético-político”, com formas e estratégias próprias, que se confrontaria com o sistema dominante muito mais no campo permanente da tentativa de construção de uma contrahegemonia ideológica do que no campo conjuntural da resistência à ditadura (KUCINSKY, 2001, p. 16).

É justamente nesse modelo de publicação que se insere o “Lampião da Esquina”. O evento que desencadeia a criação do jornal ocorreu em setembro de 1977, oito meses antes da primeira edição do periódico ser lançada, em abril de 1978. Nessa data, chega ao Brasil o norte-americano Winston Leyland, editor de um dos mais importantes jornais literários do movimento homossexual estadunidense, o “*Gay Sunshine*”: fundado em São Francisco e contando, até então, com cerca de 30 mil leitores, era um jornal de conteúdo politizado e tendência socialista mas, junto ao ativismo, havia uma preocupação artística, literária e intelectual demonstrada nas suas edições.

Leyland passou cerca de um mês percorrendo capitais brasileiras na procura de material para uma antologia de poesia latino-americana focada na questão homossexual, projeto do “*Gay Sunshine*”. Em depoimento à “Folha de S. Paulo”, em outubro do mesmo ano, o escritor declara que não existiria, no Brasil, “o que se possa definir como movimento *gay*. Mas, por outro lado, está havendo uma mudança

de comportamento em relação ao machismo, graças ao material que circula” (QUINALHA, 2021, p. 143).

O material à que Leyland se refere eram publicações como o “Entender”, jornal dedicado ao público homossexual que circulava principalmente em boates, e a “Coluna do Meio”, de Celso Curi, no extinto jornal “Última Hora” (1951-1991). Eram publicações de colunismo social e sem projeto político explícito ou intencional, mas, principalmente no caso da coluna de Curi, que tinha um maior alcance por ser parte de um jornal de ampla distribuição, tinham importância ao permitir a construção de redes afetivas e de contato, diminuindo a sensação de isolamento de muitos homossexuais (BANDEIRA, 2006, p. 97).

Mediante o advogado que hospedou Leyland durante sua estadia no Rio, se organiza um grupo de jornalistas, também homossexuais assumidos, com o objetivo de entrevistar o escritor para uma publicação. Essa entrevista - que foi recusada por diversos veículos da imprensa alternativa - foi o pontapé inicial do projeto de uma publicação feita por e para homens homossexuais e outros grupos minoritários no Brasil, semelhante ao *Gay Sunshine*, e catalisou uma vontade incipiente e dispersa de intelectuais e ativistas de organizar um material voltado para esse público:

A frente da iniciativa estava figuras importantes das cenas culturais carioca e paulista, além de intelectuais de prestígio, ainda que jovens, na universidade, no jornalismo e nas letras: os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysostomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteado; o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry. (QUINALHA, 2021, p. 143).

O perfil desses homens - intelectualizados, de classe média e, com exceção de Adão Costa, brancos - se encaixa justamente na parcela de homossexuais mais impactados pelo processo de mudança de paradigmas que se desenvolve na comunidade homossexual¹⁰, com a ascensão de uma identidade que dispensa o apego à divisão de papéis sexual rígida e a afeminação como traço do homossexual “verdadeiro”. O desprezo a esse antigo paradigma “popular” é mais comum entre essa classe mais privilegiada de homossexuais, não só por diferenças culturais, mas por uma característica da própria dinâmica de sociabilidade homossexual que tende

¹⁰ Ao utilizar o termo “comunidade homossexual”, busca-se fazer referência a aglutinação de indivíduos múltiplos ao redor de uma identidade sexual que está sendo ativamente instrumentalizada para fins políticos. Entende-se o mundo homossexual como diverso, complexo e populado por identidades, debates e concepções múltiplas, sendo impossível reduzi-lo em uma unidade homogênea. Mas, ao discutir sua tentativa de organização para ação coletiva, entende-se o uso do termo “comunidade”, no singular, como proveitoso.

a segregar e discriminar vivências marginalizadas (SILVA, 2011, p. 58). Essa identidade - urbana, de classe média, sem exigir traços de afetação e mais politizada - pode ser representada pela identidade *gay*, mas, perante a falta de adoção desse termo no Brasil do período analisado, é mais cabível a substituição pelo termo "entendido", de significado equivalente e mais disseminado entre a comunidade homossexual da época (GREEN, 2019, p. 302). Assim, é em torno dessa ascensão da identidade "entendida" que se constrói o projeto do "Lampião da Esquina".

Nove dos onze idealizadores organizaram uma campanha de arrecadação por meio do envio de cartas para cerca de 12 mil indivíduos que faziam parte da rede de contatos homossexuais ao redor do Brasil. Conforme Macrae (2018, p. 144), houve uma boa recepção e o montante arrecadado financiou as duas primeiras edições.

No mesmo ano em que nasce a ideia, Aguinaldo Silva, colaborador regular de jornais alternativos e futuro editor do "Lampião", anunciava na revista "IstoÉ", de 28 de dezembro de 1977, detalhes sobre o periódico em formulação (SILVA *apud* QUINALHA, 2021, p. 145). Silva promete uma publicação que "compre a briga" de publicações perseguidas pela Lei da Imprensa, da discriminação sexual e do movimento negro. Também formula uma crítica sobre a representação da homossexualidade como "maldição e desgraça" na grande imprensa, e coloca os homossexuais como pessoas comuns, tentando se integrar à sociedade. De maneira objetiva, Silva afirma que não se trata de:

[...] um jornal que falaria apenas sobre homossexualismo - menos ainda sobre travestis, que essa é outra repartição - e sim um jornal em que essas pessoas apresentem a sua visão do mundo em que vivem e através do qual mostrem a sua intenção de ocupar um lugar certo - inclusive politicamente - dentro dele (SILVA *apud* QUINALHA, 2021, p. 145)

O jornalista também explica a opção de nome que viria a se consagrar como a definitiva: "primeiro, porque subverte, de saída, a coisa machista (um jornal de bicha com nome de cangaceiro?); segundo, pela ideia de luz, caminho, etc" (SILVA *apud* QUINALHA, 2021, p. 145). Assim, "Lampião" subverte o nome de um personagem símbolo de virilidade e oferece a metáfora da luz, buscando iluminar em meio à escuridão do regime e do isolamento do homossexual nas sombras à qual foi condenado - analogia também presente no título do jornal de Leyland, com o termo "*Sunshine*" (Luz do Sol). Já no seu primeiro número oficial (após a edição experimental) o título teve de ser alterado para "Lampião da Esquina", por conflito com um jornal gaúcho homônimo que circulava desde 1976. Além de fazer

referência à editora responsável por suas publicações - “Esquina Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda” - o adendo “da esquina” faz referência a um território urbano, da vida noturna marginalizada e associada a esse grupo a quem a publicação se dedicava.

As razões que levaram ao fim do jornal são múltiplas: pesou o desgaste financeiro facilitado pela publicidade inexpressiva (QUINALHA, 2021, p. 174) e por questões que dificultavam as assinaturas, como o compartilhamento de jornais ou o medo de ser associado ao conteúdo (BANDEIRA, 2006, p. 85). Também a perseguição política, praticada de forma sistemática pelo governo, alegando ataque à moral com base na Lei de Imprensa, e até pela sociedade civil, como também nas ocasiões de ameaças de atentados de bombas a bancas de jornais¹¹ que vendessem certas publicações alternativas, incluindo o “Lampião da Esquina” (COWAN, 2016, p. 127). Contribuiu também o próprio desgaste do ineditismo e da atratividade das discussões dos jornais alternativos, devido a cooptação de temas como gênero, sexualidade e raça pela imprensa tradicional, processo permitido pelo abrandamento da censura (QUINALHA, 2021, p. 175).

E, por fim, tensões entre a equipe responsável, destacando-se a cisão editorial marcada pelo distanciamento de duas lideranças do jornal, - Aguinaldo Silva, no Rio, e João Silvério Trevisan, em São Paulo - sobre a questão do teor político do jornal. Enquanto Silva temia um jornal que se limitasse ao papel ativista, de panfletário do movimento homossexual, Trevisan entendia que a publicação estava caindo no sensacionalismo, tentando agradar o mercado (QUINALHA, 2021, p. 175). Dividido entre um perfil comercial, com conteúdo erótico e sensacionalista, e um perfil militante, com conteúdo ativista, o jornal não consegue satisfazer nenhum dos públicos. No documentário de Livia Perez, “Lampião da Esquina” (2016), Glauco Mattoso, colaborador assíduo do jornal, afirma que a transitoriedade era uma característica própria desse tipo de publicação vanguardista, pois “não era um jornal para criar hábito”. Assim como outros da imprensa alternativa, o projeto foi relativamente efêmero, mas isso não nega sua classificação como uma das

¹¹ A Brigada Moralista foi uma coligação de grupos terroristas de direita, como o Comando de Caça aos Comunistas, que se responsabilizou pelos atentados a bombas contra bancas de jornais que vendessem publicações de oposição ou pornográficas. O grupo também enviava folhetos com ameaças e listas de publicações que não deviam ser vendidas caso quisessem evitar os ataques, incluindo o “Lampião”, acusado de promover o homossexualismo. Em um dos folhetos, o grupo acusa os vendedores de servir como “inocentes úteis para os comunistas imorais” (COWAN, 2016, P. 128).

experiências discursivas mais marcantes da história do movimento LGBTQ+ brasileiro, que se destaca em meio à produção midiática da época.

3.2 A HOMOSSEXUALIDADE NA IMPRENSA

A proposta discursiva do “Lampião da Esquina” era tratar não somente das diversas facetas da violência homofóbica, mas de “soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador” (QUINALHA, 2021, p. 147). O objetivo era construir novos discursos sobre a sexualidade que fugissem do paradigma desqualificador presente na imprensa em geral. Nos meios de comunicação tradicionais, seja nos jornais mais sensacionalistas ou mais sérios, o modo estabelecido de tratamento das sexualidades dissidentes era definido por um lugar cativo nas seções policiais, associado à criminalidade, ou em abordagens satíricas, por meio de charges e piadas. Nas ocasiões em que eram retirados do silêncio, era para a desqualificação de seu caráter e integridade, que “enfetizava a homossexualidade da vítima quando vítima e do acusado quando acusado” (QUINALHA, 2021, p. 147). A edição do carioca “Jornal do Brasil” de 6 de novembro de 1978, por exemplo, no texto intitulado “No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas”, relata a história de diversas mortes de homossexuais e, ao comentar a morte de um rapaz por suicídio, destaca que ele estaria procurando uma “cura” para sua homossexualidade (SIMÕES, 2016, p. 52):

A morte foi noticiada por outros jornais e nesse caso, jornalistas faziam afirmações irresponsáveis e inverídicas sobre a vítima, dizendo que ela queria “morrer com as partes depiladas” e que “deixara uma carta pedindo para ser enterrado com a boca pintada de batom azul, o rosto bem maquiado e com uma sumaríssima tanga” (SIMÕES, 2016, p. 52).

Nesse caso, essas inverdades mostram a ridicularização da homossexualidade via sugestão de traços afeminados caricatos. Mesmo no caso de uma notícia trágica, a homossexualidade justifica o uso de humor e termos pejorativos em uma perspectiva desumanizadora que segue a lógica desqualificante dos discursos hegemônicos sobre sexualidades dissidentes.

O tratamento discriminatório da homossexualidade na mídia não foi uma característica inventada pela lógica ditatorial: o que a Ditadura faz é ampliar os mecanismos de silenciamento dessas experiências dissidentes, além de fortalecer um aparelho repressivo, divulgar uma ideologia que desqualifica essas expressões e impulsionar as violações aos direitos humanos enquanto prática normalizada pelo

Estado. Mas essa perspectiva desqualificadora da homossexualidade é uma lógica instrumentalizada pela ideologia autoritária, não criada por ela - assim, faz sentido que a imprensa alternativa, mesmo com sua característica de oposição ao regime e à grande imprensa, reproduza esses mesmos discursos discriminatórios. Além da diminuição da sexualidade, raça e gênero enquanto distrações frente à “luta maior” representada pela luta de classes e pela redemocratização (MACRAE, 2018, p. 213), perspectiva comum à esquerda marxista, vários jornais alternativos divulgavam representações explicitamente pejorativas da homossexualidade, entendida como questão burguesa ou abominação moral. O alternativo de cunho político “Em Tempo”, por exemplo, divulgou, em 25 de julho de 1978, uma lista expondo mais de 200 torturadores acusados por vítimas ou famílias de vítimas da repressão do regime, e, ao qualificar os crimes cometidos, atribuiu a muitos a “acusação” de homossexualidade em conjunto com a de torturador (MACRAE, 2018, p. 183). Também “Pasquim”, uma das mais icônicas publicações alternativas, conhecida pelo uso do humor ácido, apostava muitas vezes na ridicularização da homossexualidade como estratégia para o riso, a exemplo de uma história em quadrinhos intitulada “Noites de Sodoma” (FIGURA 3), da edição publicada em novembro de 1975, que fazia piada do assassinato (ocorrido no mesmo ano) do cineasta homossexual Pier Pasolini, colocando-o como assediador e associando a homossexualidade à pedofilia (NOITES..., 1975, n. 332, p. 7).

Figura 3 - Detalhe de “Noites de Sodoma”, no “Pasquim” (Novembro de 1975)



Fonte: BN Digital. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=11297>. Acesso em: 20 out. 2023.

Até mesmo na trajetória de início do “Lampião da Esquina”, quando ainda tentava-se vender a entrevista com Leyland para outro jornal, várias publicações alternativas negaram a matéria, e o jornal “Versus” - conhecido por abordar temas do cotidiano e da cultura - justificou a recusa alegando que a entrevista poderia “criar problemas com o cardeal-arcebispo de São Paulo, com a qual estamos colaborando politicamente; além do mais, somos moralmente contra a matéria em questão” (QUINALHA, 2021, p. 144).

Assim, o “Lampião da Esquina” se destaca e se diferencia tanto da grande imprensa, quanto dos alternativos - principalmente dos de cunho partidário - ao tematizar a sexualidade e os costumes de uma forma muito mais ousada que seus pares, que permaneciam vinculados a organizações de oposição mais tradicionais. No levantamento feito por Kucinsky (2001, p. 261) dos jornais que circularam durante o que ele descreve como “surto alternativo”, o “Lampião da Esquina” é o único classificado como de temática “gay” - em comparação, a classificação “feminista” foi utilizada para descrever o principal foco de três publicações diferentes na mesma lista, e 54 foram classificadas como “predominantemente políticas”. Assim, fica claro como a temática homossexual e a abordagem positiva e ousada dão destaque ao periódico, mesmo em meio ao florescimento de outras publicações que buscam criar espaços de informação diferenciados.

3.3 A IMPRENSA HOMOSSEXUAL PRÉ-DITADURA

Apesar de se encaixar como um momento específico e peculiar da chamada imprensa alternativa, tendo muitas afinidades com os jornais desse grupo (escala de produção, meios de organização democráticos e oposição ao regime e à grande imprensa), o “Lampião da Esquina” se vinculava também a uma tradição mais longa de boletins e folhetos feitos por e para homossexuais, cuja circulação foi afetada negativamente pela ditadura e seu clima geral de repressão.

A consolidação da subcultura e das formas de sociabilidade homossexuais foi possibilitada, principalmente, pela urbanização e crescimento das grandes cidades: promovendo o anonimato necessário, a dinâmica dos centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, permitia a formação de redes de contato com semelhantes e a inserção em um mundo de vivências homossexuais, além da apropriação de espaços físicos diversos que compunham o gueto homossexual (SILVA, 2011, p.

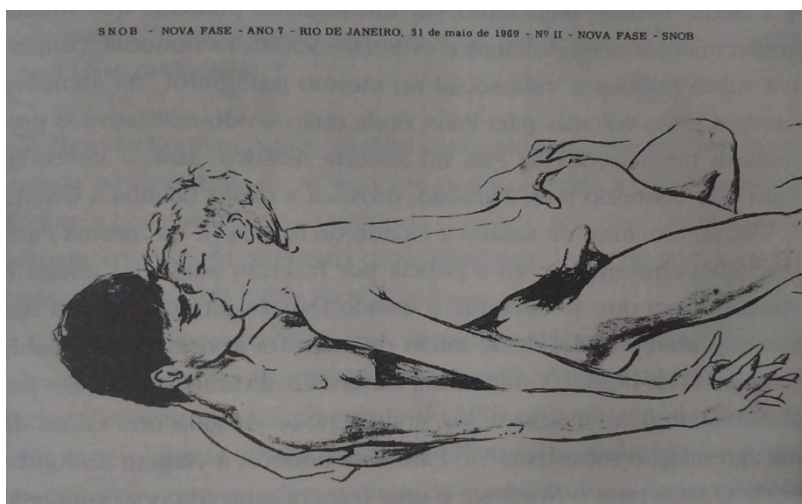
151; GREEN, 2019, p. 45). Assim, ao longo dos anos 60, diversas publicações para esse grupo surgem nesses locais, sendo a mais duradoura e influente o periódico caseiro “O Snob”, editado a partir de 1963, no Rio de Janeiro, por iniciativa de Agildo Guimarães. Guimarães era parte de uma das várias redes sociais de homossexuais que se formou entre os anos 50 e 60, oferecendo apoio e sociabilidade aos seus membros. Costumavam se reunir e organizar brincadeiras que imitavam desfiles de moda e concursos de beleza, de forma discreta e privada. Foi a partir de uma dessas festas, em que Guimarães não concordou com a “boneca” (homossexual afeminado) escolhida como vencedora pelo júri de “bofes” (homens tipicamente masculinos, geralmente não classificados como homossexuais, apesar de ter relações com homens no papel ativo), que ele decidiu criar “O Snob”: um jornal simples, de duas páginas, datilografado, para comentar as falhas do concurso (GREEN, 2019, p. 307). Tornou-se uma publicação de trinta a quarenta páginas - com ilustrações, colunas de fofoca, contos e entrevistas - que rendeu 99 edições. Era distribuído na rede social que produzia a revista e nos pontos de encontro homossexuais, como a Cinelândia, em troca de, no máximo, uma contribuição para ajuda de custo.

O jornal é especialmente valioso por sua representação das noções de gênero da comunidade nesse momento, reproduzindo a dicotomia feminilidade e masculinidade e colocando o perfil afeminado da “bicha” como essencial para definir um verdadeiro homossexual. Apesar da rede social do próprio jornal contar com homens discretos e masculinos, “O Snob” era majoritariamente composto de bichas afeminadas, refletindo no humor e no foco na discussão sobre eventos e relações sociais do grupo. Não tinha grandes pretensões intelectuais ou políticas, sendo mais um local de colunismo social e formação de redes afetivas, mas, a partir de 1968, já no final da sua trajetória, começam a aparecer nas suas folhas menções aos eventos que varrem o mundo: a Guerra do Vietnã, manifestações em Paris e movimentos estudantis internacionais e brasileiros. Mesmo assim, não se torna um jornal de ativismo político, e é clara a justaposição entre esses eventos e as fofocas do cotidiano, com os assuntos “banais” sendo considerados de igual ou até maior peso que eventos políticos de grande porte (GREEN, 2019, p. 319).

Entre 1964 e 1969, mais de trinta jornais do gênero, inspirados por “O Snob”, passaram a circular, mas a maioria não duraria mais de um ano (QUINALHA, 2021, p. 150). Além dessas publicações caseiras, havia também seções dedicadas ao

público homossexual em jornais mais convencionais, com notas sociais e amenidades - como a “Coluna do Meio”, de Celso Curi, publicada no paulista “Última Hora”, que foi perseguida pelo regime militar em um processo que, apesar de vencido pelo jornalista, o tirou da publicação (TREVISAN, 2018, p. 324). Em 1968, um ano antes do fim do jornal, foi feito um projeto de criação da Associação Brasileira da Imprensa Gay (ABIG), mas a nascente organização foi frustrada pelas políticas severas da Ditadura. Já nesse momento, uma paranóia se espalhava pelo grupo do “O Snob” devido à onda de prisões e tortura de opositores: temiam ser confundidos com publicações “subversivas” de esquerda ao distribuir os jornais em pontos de encontro. Antes de ser extinto, já em sua última edição, “O Snob” anunciava uma nova fase com uma abordagem diferente da homossexualidade, como demonstrado pela sua última capa (FIGURA 4): ao invés de uma “rainha da beleza” indicando discussões do “universo efeminado”, uma cena erótica entre dois homens, em que nenhum dos dois parece corresponder ao estereótipo do “bofe”, sugere um novo foco na sexualidade em si e não só em dinâmicas de relações interpessoais.

Figura 4 - Capa da última edição de “O Snob” (Maio de 1969)



Fonte: GREEN, 2019, p. 321.

Mesmo não sendo o primeiro jornal com foco na homossexualidade, “Lampião da Esquina” representa uma revolução na imprensa “rosa-choque” (QUINALHA, 2021, p. 151): foi o primeiro com circulação nacional e pretensão intelectual e política e foi parte dos primeiros passos do movimento homossexual brasileiro. Servia como

porta-voz desse sujeito coletivo e ainda amorfo que se organizava politicamente, a qual o jornal buscava dar uma identidade própria. O perfil intelectualizado e experiência profissional dos jornalistas envolvidos também era uma singularidade, conferindo sua qualidade literária e política no tratamento de temas polêmicos, mesmo quando não negava as fofocas, amenidades e colunismo social. E, apesar do foco da homossexualidade, não se restringiu apenas a esse público, tentando formar conexões com outros movimentos identitários, em um programa interseccional de ação política. Tornou-se, também, um instrumento de conscientização e amplificação das ações do movimento e suas disputas, além de formação identitária e organização coletiva do homossexual brasileiro, como demonstra a fala de um membro do Somos em entrevista publicada em setembro de 1979, destacando a admiração pelo jornal:

[...] até o LAMPIÃO aparecer, não existia nada, mas nada mesmo, comparável nas bancas, nos jornais, no cinema, na tevê. Não existia nada que pudesse nos dar esperança, criar a possibilidade de um trabalho coletivo (PESSOAL..., 1979, n. 16, p. 7).

Essas singularidades mostram não só o valor do jornal enquanto publicação e sua posição privilegiada enquanto fonte histórica, mas também fazem entender que, nesse momento de inserção pública e de florescimento de sua ânsia por reconhecimento, os homossexuais não contam, na grande imprensa ou na imprensa alternativa e, de certa forma, nem mesmo na imprensa homossexual, com representações coletivas politizadas que pudessem ser instrumentalizadas. Ao escrever sobre as demandas de agentes sociais negligenciados mesmo em espaços públicos midiáticos considerados "alternativos", o "Lampião da Esquina" se coloca como porta-voz capaz de representar seu grupo, trabalhando representações para a construção de uma visão de mundo própria de sua posição e identidade social.

Uma das funções que busca cumprir é, justamente, a de local de denúncia da violência homofóbica tão negligenciada e ridicularizada na imprensa, sendo múltiplas as reportagens que expõem casos de violência e invertem a narrativa do homossexual perigoso ou da homossexualidade como justificativa da violência - alguns exemplos são as capas "A volta do esquadrão mata-bicha: três crimes abalam a comunidade guei" (A VOLTA..., 1980, n. 25, p. 1) e "Em agosto foi assim: Crioulo não é gente, bicha e mulher tem mais é que morrer" (EM AGOSTO..., 1980, n. 28, p. 1). Como percebe-se pelo último título, que cita minorias raciais e mulheres, esse aspecto de denúncia englobava também outras minorias e as violências que

sofriam. Na edição nº 6 de 1978, uma reportagem traz o seguinte título: “Anormal assassinado em Copacabana... (cada um tem a morte que fez por merecer?)” (ANORMAL..., 1978, n. 6, p. 5). Nela, são relatados quatro assassinatos de homossexuais ocorridos entre 1969 e 1971, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que são questionados os papéis da justiça em relação à naturalização desses crimes, o periódico denuncia a ineficiência das investigações policiais nesses casos (homofobia institucionalizada) e as construções narrativas que transformam as vítimas em culpadas, destacando-se o uso provocativo do termo “anormal” para ressaltar a construção de discursos negativos sobre a homossexualidade. que justificam os crimes e a negligência com a qual são tratados.

Sendo assim, a falta de representações na imprensa contribui para entender o “Lampião da Esquina” enquanto produto que busca suprir um vazio simbólico, se colocando enquanto ato específico de “tomada da palavra” dos homossexuais, ligado a um processo amplo de inserção social. Nas palavras de Certeau (1995, p. 36), podemos considerar o periódico como exemplo de uma revolução simbólica que, justamente por seu aspecto simbólico, pode ser vista como fracassada, mas que constitui ação ao criar um lugar simbólico e dar voz a um mal estar silenciado (CERTEAU, 1995, p. 36). Assim, faz-se necessário discutir quais as questões levantadas pelo periódico nessa revolução simbólica.

4 AS DISCUSSÕES DO “LAMPIÃO DA ESQUINA” E O PROJETO DE INSERÇÃO POLÍTICA DO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO

Segundo Chris Atton (2002, p. 13), em seu estudo sobre mídias alternativas, essas podem ser descritas como fazendo parte de uma esfera pública que abrange os esforços comunicativos de grupos e organizações que desafiam relações de poder hegemônicas. A contestação dos códigos sociais, das identidades legitimadas e de relações sociais institucionalizadas fazem parte de uma série de práticas comunicativas e discursivas que definem esse tipo de mídia, buscando empoderar a comunidade ou grupo social envolvido ao ponto que essas mudanças e transformações idealizadas se tornem possíveis (HARCUP, 2011, p. 21).

A partir da compreensão do “Lampião da Esquina” enquanto ato de “tomada da palavra” de um grupo social marginalizado e como parte de uma conjuntura ampla de mídia alternativa, é necessário analisar quais as discussões instrumentalizadas por essa publicação. Ou seja, em meio à pluralidade de temas e perspectivas apresentadas pelo periódico, quais se destacam e o que revelam sobre o projeto político e social de inserção dos homossexuais?

A partir da leitura das edições produzidas em seus três anos de circulação - disponibilizadas em formato digital pelo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, realização do Grupo Dignidade - foram selecionados três temas que não só figuram com recorrência nas produções discursivas do jornal, mas que podem ser considerados como centrais no projeto político que a publicação busca lançar: a relação com outros grupos das chamadas minorias, o Movimento Homossexual Organizado e as identidades homossexuais. A escolha dos temas foi feita a partir da análise das capas e leitura dos textos destacados, buscando temáticas recorrentes que fossem coerentes com as discussões centrais do movimento homossexual na época - discutidas nas obras de Green (2019), Trevisan (2016) e Macrae (2018) - e com a necessidade de discutir a revolução simbólica empregada por esse grupo na perspectiva de um ato de tomada da palavra. Alguns temas, como a representação de travestis e as estratégias discursivas para denúncia da violência, tiveram de ser excluídas da análise devido a limitação de páginas.

Assim, será feita uma análise discursiva dos textos publicados no “Lampião”, com foco em identificar se existe, de fato, uma totalidade discursiva coerente por parte do jornal, e das implicações políticas para os homossexuais brasileiros -

enquanto coletivo - das ideias divulgadas, entendendo a mídia alternativa como espaço de discussão de agentes marginalizados, como define Atton (2002). Nesse exercício de análise, será priorizado ao que Cruz e Peixoto identificam como “Projeto Editorial: Movimentação e Posicionamento Político”, categoria que embarca “posições políticas defendidas pelo periódico [...] visando à apreensão do processo de intervenção da publicação naquela conjuntura (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 12).

4.1 A LUTA COLETIVA DAS MINORIAS

A insurgência dos homossexuais enquanto grupo organizado acompanha uma redefinição do conceito de identidade e do que pode constituir uma luta política, e essa movimentação traz à tona diversos novos agentes com interesses específicos, muitas vezes negligenciados ou desqualificados pela esquerda marxista (KRUGER, 2010, p. 141). Mesmo com o foco na homossexualidade, o “Lampião da Esquina” deixa claro seu objetivo de formar uma luta coletiva e servir como espaço de expressão para esses grupos marginalizados, principalmente mulheres e, com menor intensidade, negros. Já na primeira edição, o texto “Nossas gaiolas comuns” discorre sobre como, para obter sucesso, a luta desses agentes deve ser exercida de forma coletiva, inclusive nas páginas do jornal. Com assinatura de “Mariza”, o artigo anuncia o que pretende o jornal sobre essa coletividade:

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo do poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto, sem existência histórica. [...] A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: ou tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular (NOSSAS..., 1978, n. 1, p. 2).

O interesse do movimento homossexual pelo feminismo justifica-se, primeiramente, pelo caráter inspirador que a luta das mulheres tem para esse grupo social: além de politizar temas tidos como privados (família, reprodução, sexualidade), elas também questionam a naturalização dos papéis de gênero, discussão necessária para o desenvolvimento da contestação homossexual. Além disso, apesar do foco masculino, o movimento homossexual conta com a presença de mulheres lésbicas que tornam incontornáveis e necessárias as discussões do machismo e do gênero como campo de luta. Já no número experimental, o conselho

editorial publica uma nota justificando e expressando preocupação pela ausência de mulheres no jornal, alegando falta de interesse das mesmas em aceitar convites feitos. Dizia a nota que uma das ambições do “Lampião da Esquina” era discutir a violência do machismo e o protagonismo das mulheres no movimento feminista (MULHERES..., 1978, n. 0, p. 5).

A partir da resposta à essa convocação, as mulheres e o movimento feminista no “Lampião da Esquina” estiveram presentes não só através da temática abordada pelos textos, mas como colaboradoras. Duas edições merecem ser destacadas para analisar sua presença: a edição número 11, que traz como matéria de capa “Lesbianismo, Machismo, Aborto e Discriminação - São as Mulheres Fazendo Política” (LESBIANISMO..., 1979, n. 11, p. 1) e a edição número 12, que traz “Amor Entre Mulheres (elas dizem onde, quando, como e porque)” também como destaque de capa (AMOR..., 1979, n. 12, p. 1). A edição número 11 traz quatro páginas dedicadas a comentar o Encontro Nacional de Mulheres que havia ocorrido no Rio, escritas por Francisco Bittencourt, e textos sobre questões feministas que, com exceção de um assinado por João Trevisan, foram escritos por mulheres. Já na abertura do texto “Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho”, Bittencourt expressa sua visão sobre o movimento feminista e suas tensões internas:

‘O cotidiano da mulher é a violência’ - declaração de uma mulher anônima no encerramento do Encontro Nacional de Mulheres (Rio). - ‘Amor e paz são os sentimentos que predominam no sexo feminino’ - tirada de uma dirigente do CMB na abertura do encontro. O conflito desses pontos de vista deixa claro que há um estado de grande confusão teórica e prática dentro do movimento feminista brasileiro (BITTENCOURT, 1979, n. 11, p. 9).

Enquanto Bittencourt busca fazer um relato jornalístico do evento enquanto espectador - comentando a presença de discussões como sexualidade, luta operária e trabalho doméstico no encontro - Trevisan, o outro homem que escreve sobre feminismo na edição, traz, no texto “Quando o Machismo Fica no Porão” (TREVISAN, 1979, n. 11, p. 11), sua perspectiva sobre o machismo na esquerda marxista e a negligência das questões de gênero frente a “luta maior”, construindo um paralelo com tensões semelhantes entre a esquerda e os homossexuais. Os textos escritos por mulheres trazem discussões sobre sexualidade, classe e raça e expressam a pluralidade de questões e perspectivas discutidas pelo movimento. Nessa edição, é possível ver um exemplo do comportamento equilibrado que o periódico busca manter em relação às mulheres e sua presença em suas páginas:

como fez Trevisan, tentam, muitas vezes, aproximar as questões feministas das suas, principalmente no quesito sexualidade, mas não “sequestram” as discussões e permitem que o jornal seja um local de expressão e comunicação relativamente autônomo para esse grupo social. Ao longo de sua trajetória, permitiram que diferentes temas fossem expressos: aborto, feminicídio, estupros e prostituição - com reportagens de denúncia sobre casos de violências contra prostitutas negligenciados pela polícia e até por parte do movimento feminista - e, claro, sexualidade. Também mostrou a identidade feminista como algo tensionado por interseccionalidades, com mulheres negras e lésbicas lutando por um espaço dentro do movimento.

Na edição 12, há um foco maior na mulher lésbica e sua vivência, que não necessariamente se associa unicamente ao movimento feminista ou homossexual. Apesar de citar a luta coletiva de homens e mulheres homossexuais e falar de violências simbólicas (como a patologização) que afetam ambos, os textos destacam sempre a necessidade de se entender e de se afirmar a mulher homossexual em sua especificidade, criando uma categoria específica para essa luta (AMOR..., 1979, n. 12, p. 7-11). A homossexualidade feminina é um tema também frequente no jornal, que, ciente de sua própria visão predominantemente masculina - refletida no símbolo fálico em seu logo - oferece espaços para que essas mulheres empreendam discussões autônomas, juntos ou separadas das discussões rotuladas como feministas e do próprio movimento homossexual. Assim, o jornal aceita a interseccionalidade não só nas lutas e identidades alheias, mas também no seu próprio movimento, do qual busca ser porta-voz.

A presença desses agentes sociais como autores, e não só das suas lutas como tema, mostra que o “Lampião da Esquina” busca dar a esses segmentos o mesmo tratamento que confere ao “seu” grupo, os homossexuais, ao abrir um espaço para expressão dessas vozes silenciadas e suas demandas. Além disso, ao se aproximar de questões como gênero e raça, busca-se uma conotação mais séria à homossexualidade, comumente associada ao ridículo - ou seja, com o distanciamento da esquerda marxista e seus campos “legítimos” de luta, o cenário das “minorias” é o mais propício para a construção de um posicionamento político da homossexualidade que saia das sombras do gueto.

Sobre os indígenas, enquanto minoria racial, pode ser citado um texto que bem representa a atenção, não tão frequente, dada a esse grupo: a edição 08, em

janeiro de 1979, explora a invasão das terras indígenas e denuncia a negligência dos órgãos governamentais, mas faz também uma intervenção sobre o indígena como símbolo de uma sexualidade mais livre das amarras contemporâneas, que aceitaria mais facilmente a homossexualidade (COMO..., 1979, n. 8, p. 5-7). Nesse sentido, não só o jornal traz uma discussão importante para a causa indígena e permite a ela um espaço relativamente amplo (três páginas em uma edição de dezesseis), como busca utilizá-la para naturalizar a homossexualidade - ou, considerando o público alvo de homossexuais, utiliza a naturalização da homossexualidade como algo que facilite a identificação com o indígena.

As lutas e reivindicações do movimento negro também foram expressas. Além de textos que traziam a negritude em uma perspectiva de interseccionalidade com o gênero - mais frequentemente que com a sexualidade, apesar da presença de um homossexual negro, Adão Costa, como colaborador - se destacam as entrevistas com personalidades negras, principalmente a do intelectual e ativista Abdias Nascimento (NESSA..., 1979, n. 15, p. 10-14), que foi destaque de capa e, acompanhando uma edição com maior quantidade de textos sobre a questão racial no Brasil, representou um divisor de águas na aproximação do jornal com o Movimento Negro Unificado. A entrevista segue um tom mais “conservador” quanto ao tema da homossexualidade, mencionada apenas brevemente no final da discussão, onde a fala de Nascimento sobre o movimento homossexual e a possibilidade de uma aproximação com o movimento negro demonstra uma abertura de sua parte à entrada nessa luta coletiva: “Claro! Às vezes os objetivos não coincidem. Mas no geral, no sentido da repressão, sim. E então o ideal é que trabalhem juntos contra ela.” (NESSA..., 1979, n. 15, p. 11).

É uma entrevista de tom crítico, trazendo análise aprofundada sobre a posição política do movimento negro nesse momento de abertura. A questão racial já aparecia e volta a aparecer no jornal em momentos específicos ou nas discussões sobre as tais minorias - aí citada como um conjunto com feministas e, claro, homossexuais - mas esse é um momento definidor para ela no “Lampião”, pela autonomia conferida, amplo espaço reservado e pelo porte da figura entrevistada, aspectos claramente reconhecidos pelos colaboradores: “Esta foi a mais carimbada de todas as entrevistas que nós fizemos.” (NESSA..., 1979, n. 15, p. 10). A abertura dessa figura nessa entrevista é um alívio para o jornal, que, na edição anterior, temia

que um “rancor moralista e obsoleto (...) tenha mantido os negros longe de Lampião, jornal aberto a todas as minorias” (O NEGRO..., 1979, n. 14, p. 8).

Os exemplos mencionados são parte de uma série de momentos em que o “Lampião da Esquina” abre espaço para outras minorias se expressarem, e demonstram um aspecto relevante do projeto de inserção política homossexual: busca se empreender não como um fenômeno isolado, mas como um movimento aglutinador de lutas e grupos marginalizados até mesmo nos espaços da esquerda e da oposição. Ao mesmo tempo que apoia esses grupos, busca que a relevância desses movimentos valide suas próprias demandas, mediante reconhecimento da validade da sexualidade enquanto campo de luta política, colocada no mesmo nível das discussões de gênero e raça. Ao tentar estabelecer uma coletividade, o periódico expressa a característica apontada por Certeau, em que revoluções simbólicas emergem justamente para constituir laços sociais, configurando-se, assim, como “uma verdadeira comunicação” (CERTEAU, 1995, p. 36).

4.2 O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL ORGANIZADO

É inegável que o “Lampião da Esquina”, enquanto local de divulgação dos grupos de ação do movimento homossexual, possibilitou o crescimento e multiplicação dessas células, e que também se beneficiava deles enquanto consumidores de suas publicações. Mas, apesar de uma relação mutuamente benéfica que predomina no início da trajetória do jornal, diferentes perspectivas internas (no conselho editorial e entre colaboradores) e até externas (entre o público leitor) criam tensões que viriam, inclusive, a contribuir para o fim do jornal, como expressa pelo já citado conflito entre João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva, sobre a priorização ou não do teor político do jornal.

A relação conflituosa do jornal com formas de política organizada tem ligação com as tensões entre o nascente movimento homossexual e a esquerda marxista. Nas páginas do jornal, houveram múltiplas expressões da visão predominante sobre a esquerda, que destacava a homofobia e o conservadorismo moral: foram feitas reportagens extensas que denunciavam a perseguição de homossexuais pela esquerda, como na Argentina (NÃO..., 1978, n. 7, p. 7-9) e em Cuba (CUBA..., 1981, n. 33, p. 10-15). Mesmo quando não ocupavam a capa, essas denúncias tinham sempre espaço relevante, e eram muito mais recorrentes que momentos

dedicados especificamente para apontar a homofobia da direita. Essa perspectiva também está presente entre os leitores do periódico (ou seja, entre uma parcela da comunidade homossexual), como mostra a carta do leitor identificado como Quebec: “[...] a moralidade presente nesta ‘esquerda’ é as vezes pior que a da Igreja do Medievo.” (CARTAS..., 1978, n. 7, p. 11). A resposta dos editores confirma seu apoio a essa perspectiva: “(...) para um homossexual, a atuação a nível político é duas vezes mais complicada. Isso fica bem claro na sua carta, que é muito oportuna quando fala na esquerda autoritária” (CARTAS..., 1978, n. 7, p. 11). Essa interação, assim como outras que ocorrem na seção “Cartas na Mesa” do jornal - que recebia e publicava cartas de leitores, frequentemente respondidas pelo conselho editorial - chama atenção para a função desta como uma forma de produção discursiva do próprio jornal, através da seleção, organização, resposta e, até mesmo, falsificação de cartas de leitores nessa seção (BANDEIRA, 2006, p. 77), de acordo com o que achava-se necessário reforçar ou destacar.

Esse desconforto com as formas de organização política tradicionais está na base do “Lampião da Esquina” enquanto projeto de inserção do grupo social que representa: buscam apoiar o fim do regime e deixar o isolamento, mas temem ter seu movimento “sequestrado” por forças políticas que os atacam e, marcados por essa perspectiva, olham com desconfiança os grupos de ação que, apesar de geralmente não estarem ligados à esquerda marxista e até compartilharem o desafeto, exigem mais e mais espaço e mais conteúdo explicitamente “político” em suas páginas. Assim, o “Lampião da Esquina” teme ser transformado em mero porta voz desses grupos de ação, e ter de diminuir sua autonomia e sua função de espaço de discussão cultural e identitária. Esse aspecto mostra a diversidade de perspectivas dentro do insurgente movimento homossexual, característica também refletida na relação com a esquerda: alguns homossexuais, incluindo colaboradores ocasionais do jornal, buscam se aproximar de grupos da esquerda socialista que demonstram abertura para a questão - como a Convergência Socialista, que cria um subgrupo de ação homossexual - mas são vistos como exemplo do perigo de alienação do movimento (TREVISAN, 2018, p. 330). Essa relação hostil com indivíduos ou grupos homossexuais que se associam à formas de organização política tradicionais mostra a tensão criada pelo processo de saída do gueto, almejado pelo jornal: ao deixar o isolamento que tanto criticava, teme perder a

essência do que aglutina esses agentes sociais diversos ao redor de uma mesma identidade marginalizada, a homossexualidade.

Algumas capas, como a da edição número 16, “Homossexuais se organizam” (HOMOSSEXUAIS..., 1979, n. 16, p. 1) e da edição 24, “Homossexuais: a nova força” (HOMOSSEXUAIS..., 1980, n. 24, p. 1), dão destaque à reportagens com foco nas manifestações organizadas do movimento, na tentativa de diversificar a representação social do homossexual. Em relação à tentativa de organizar os grupos homossexuais e ampliar sua atuação política, o excesso de burocracia e de conflitos entre os vários grupos não possibilitam que diretrizes mais amplas sejam estabelecidas ou postas em prática, fazendo com que boa parte da energia desses grupos seja gasta em conflitos internos ou intergrupais (MACRAE, 2018, p. 184). A frustração com a desorganização interna do movimento é expressa na seção “Cartas na Mesa”, ao comentar o I Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados: “O I EBHO foi ótimo, apesar dos traumas intergrupais que provocou; no próximo a gente espera que tenha mais tesão e menos encucação” (CARTAS..., 1980, n. 27, p. 19). Nesse mesmo momento, críticas ao jornal também começam a se acentuar, revelando uma divisão expressa em cartas contra e a favor do seu comportamento com a esquerda e falta de espaço dedicado aos grupos homossexuais, assim como sobre o conteúdo em geral de suas edições:

Caros lampiônicos, aqui estou novamente para participar do vosso debate. Fiquei muito decepcionado com o n.29 do nosso “jornalzinho”. Realmente o Lampião de outubro está um “lixo”, uma droga a entrevista com aquele bicha “escrota” metida a escritora, o tal cabeleireiro Ruddy [...] Outra coisa que me chamou a atenção foi a seção “cartas na mesa”. Cada vez com menos cartas publicadas. É isso aí, homossexual comum não tem vez. Só quem merece destaque são as estrelas como Ney Matogrosso, Ruddy e outras bichérrimas menos votadas. (CARTAS..., 1980, n.30, p.18)

E eu não discordo da posição de João Carneiro em relação à inserção dos homossexuais na luta mais ampla. Acho mesmo que a tendência agora é a manipulação e os homo tem que tomar o maior cuidado (CARTAS..., 1980, n. 25, p.18).

O fato do jornal permitir a presença dessas opiniões divergentes, algumas hostis ao próprio jornal - e nem todas sendo respondidas, o que eliminava a possibilidade de uma resposta defensiva que inverteria o significado da sua publicação - revela a impossibilidade de, como porta voz dos homossexuais, escapar das tensões e conflitos que afetam esse grupo, inclusive nos grupos de ação. O papel quase formal de divulgação dos grupos de ação continuou até sua última edição, com pequenas seções que anunciavam nome, região e formas de contato,

mas o espaço para discussão da política e das ações desses grupos foi diminuindo com a acentuação do conflito de diferentes perspectivas, não só dentro do jornal - sobre esses grupos e sua presença na publicação - mas também dentro da comunidade como um todo sobre questões como a relação com a esquerda, o que tornava trabalhar esses temas nas edições cada vez mais difícil. Esse espaço de divulgação no jornal era importante para esses grupos de ação, como revela depoimento de militante do SOMOS:

A sobrevivência do Somos depende do LAMPIÃO como canal, e da própria atuação do grupo. Só o trabalho intenso do grupo, o trabalho de organização, é que está fazendo as pessoas pintarem no Somos (PESSOAL..., 1979, n. 16, p. 7).

Dessa forma, fica claro o papel do “Lampião da Esquina” como fórum de discussão entre setores opostos dentro do seu grupo social e a heterogeneidade de posicionamentos que o jornal permite - ou tolera - em suas páginas, assim como sua conexão direta com as crises do movimento homossexual. Sua relação com a esquerda permaneceu hostil, apesar da aproximação de colaboradores ocasionais do jornal, como James N. Green, com esse setor. Mas a relação do periódico com o Movimento Homossexual Organizado foi um foco de conflito interno e colocou em questão qual perfil o jornal queria seguir: teria um foco politizado, servindo de folhetim dos grupos de ação e dando prioridade à discussões intelectuais, ou seguiria o ritmo do mercado, que o levou, por exemplo, a iniciar a publicação de nus masculinos para aumentar sua atratividade? Em meio à divisão do movimento, da comunidade e do conselho editorial, parece não haver uma alternativa que equilibre essas duas vias extremas, e o mesmo cenário se reflete no movimento organizado (SOBRAL, 2019, p. 99), representando uma crise geral nos diversos projetos e iniciativas de inserção política dos homossexuais brasileiros.

4.3 AS IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS

Vários são os perfis identitários que podem ser categorizados - e alguns que escapam à categorização - dentro dessa identidade aglutinadora que é o termo “homossexual”: palavras como bicha, veado, entendido, gay, boneca, tia e bofe representam mais que gírias ou termos pejorativos, mas também são identidades com aspectos próprios (GREEN, 2019, p. 315) que se relacionam com formas de pensar e vivenciar papéis de gênero em uma comunidade que inverte o padrão

heteronormativo no qual se baseia a divisão sexual da sociedade ocidental (PEREIRA, 2017, p. 143). Com o momento de redefinição identitária em que se forma o “Lampião da Esquina”, que questiona ativamente a divisão binária que coloca a efeminação como característica inerente ao homossexual, surge a necessidade de decidir qual o perfil ou perfis identitários que serão divulgados nesse projeto de inserção política e social. A imagem da bicha efeminada é, sim, um estereótipo pejorativo que carrega um preconceito sexual e assombra a vivência de muitos homossexuais - correspondam eles ou não à esse perfil - mas também é uma identidade comumente adotada por alguns desses homens e com forte presença na subcultura homossexual. Essa hostilidade à identidades que descartam o apego à masculinidade, presente mesmo dentro da própria comunidade homossexual, envolve a inferiorização de traços considerados femininos pelo sistema de divisão de papéis sexuais instituído na sociedade ocidental e um comportamento elitista dentro da comunidade, que associa esse comportamento também com as classes mais populares. Muitas vezes associados à futilidade ou ao ridículo, esses atos caricatos são, em si, políticos, estejam inseridos ou não em um contexto formal de militância:

O efeito [...] da “fechação” seria então o de explorar, impulsionados pelo nosso desejo, o caminho que nos remete a nossos corpos [...] diferente daquilo que o corpo social repressivo nos destinou autoritariamente (MACRAE, 2018, p. 45).

Novamente, a seção de cartas dos leitores serve como panorama da diversidade de perspectivas e identidades presentes nessa época de efervescência política e sexual. Algumas cartas começam a refletir os vários posicionamentos, muitas vezes divergentes, dentro da própria comunidade homossexual. No discurso da carta abaixo, as denominações usadas expressam as relações de poder presentes no discurso homossexual, que aponta quem tem direito a ser considerado “homem normal”:

Lampião correspondeu em cheio (pelo menos isso ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichórdia chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (CARTAS..., 1978, n. 2, p. 14).

Em uma das cartas de resposta à anterior, que gerou polêmica e suscitou respostas não só do jornal, mas de outros leitores, a autora cita a expressão “luta de classes”, referindo-se tanto ao sentido da luta de grupos identitários buscando se

afirmar dentro da comunidade homossexual, como da luta proletária contra a classe burguesa:

O gueto dentro do gueto! Pressinto em algumas entrelinhas uma certa tendência em discriminar uma parcela que talvez seja a mais necessitada de atenção e a mais alijada, inclusive social, cultural e economicamente, a que o Sr. Ferreira chama de “bichórdia” de uma forma tão cruelmente pejorativa. Não creio que o jornal assuma esse tipo de “luta de classes”, porque estaria, no meu entender, anulando boa parte do esforço de acordar o homo brasileiro (CARTAS..., 1978, n. 4, p. 17).

Percebe-se a colocação do “Lampião da Esquina” e do perfil adotado por esse porta voz da comunidade como campo de disputa entre representações: um setor da comunidade homossexual acredita que a “bicha” é uma identidade antiquada, pejorativa, fútil e que vai contra a tentativa de se constituir enquanto grupo sério com perfil político. Não é que busquem a completa invisibilização do efeminado - o que excluía boa parte da produção cultural homossexual - mas sim criar um espaço isolado para essa personagem, associado à performatividade e ao teatral, sendo mais um alter ego divertido do homossexual verdadeiro - que deve aderir, na medida do possível, às diretrizes da masculinidade heteronormativa quando busca se inserir no espaço social e político, para não correr o risco de desvalorizar a luta como um todo.

A reprodução do modelo da masculinidade hegemônica no meio homossexual aparece com destaque no número 8 do jornal, publicado em janeiro de 1979, que traz na capa chamada “Gay-Macho: Uma nova tragédia americana?” (GAY..., 1979, n. 8, p. 8-9). O texto de Seymour Kleinberg, publicado originalmente na revista americana “*Christopher Street*”, reforça o debate sobre a divisão do meio homossexual entre machos e não machos. Crítica em relação à supervalorização do físico como símbolo de masculinidade pela juventude *gay* norte americana, a reportagem gera polêmica e suscita respostas:

Acho que se existiu alguma vez uma oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou esse momento. E é momento, que todos aqueles que entendem devem lutar. Não se trata de uma luta comum como o Mauro descreveu, mas sim, de gente que possa ser respeitada no meio em que vive, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua (CARTAS..., 1979, n.12, p.18).

Em sua intervenção, “Lampião da Esquina” oferece aos leitores um novo caminho: excluindo a obrigatoriedade de seguir um modelo estritamente masculino

ou feminino, tenta abrir a possibilidade de transitar entre aspectos desses dois gêneros:

Houve um problema muito sério com o artigo sobre o “gay-macho” publicado no nº8 de Lampião. Fala-se ali da tendência verificada entre alguns homossexuais norte-americanos de adotar um comportamento machista. Veja bem, é uma tendência, e de apenas uma facção homossexual: não de todos. Essa facção, é claro, não abrange todos os que freqüentam boates, ou que cuidam da aparência física. Mas os seus adeptos procuram externar seu comportamento principalmente nas casas noturnas, onde encontram o cenário ideal para dar vazão à sua preocupação com o corpo, com a exibição da beleza física. Jairo fala de participação política, Caetano de integração; fazer política, para nós, implica a oposição à sociedade machista e preconceituosa em que vivemos; os “gaysmachos”, ao confundirem virilidade com machismo cometem um erro grave; como é grave o erro de alguém que, falando em integração, deixe bem explícita a condenação às pessoas que “dão pinta”, sem se preocupar em detectar as origens dessa “pinta” – que estão na repressão e no condicionamento forçado das pessoas aos dois únicos tipos de comportamento sexual aceitos pela sociedade em que vivemos (CARTAS..., 1979, n.12, p.18).

Assim, o discurso dos editores do jornal não é à crítica do “gay-macho” enquanto opção individual de expressão e exercício da sexualidade. Mas questiona a proclamação de que só quando todos assumirem esse perfil comportamental o movimento homossexual avançaria na sociedade e conquistaria seus objetivos de reconhecimento social e político. O jornal critica a reprodução de um modelo de dominação machista e repressor no meio homossexual e tenta assumir uma posição “neutra”, no sentido de defender todas as formas de expressão como válidas, mas, dentro de seu projeto discursivo, também estabelece juízo de valor entre essas identidades, datando quais são as mais ou menos adequadas para discussões políticas e intelectuais.

A extrema recorrência de palavras como “bicha” e “boneca” observada nas páginas do “Lampião da Esquina” aparecem muito mais “no intuito de transformar as imagens relacionadas a elas, dando-lhes conotações positivas” (SIMÕES, 2006, p. 97) do que com uma divulgação orgulhosa dessa personagem efeminada. E as identidades não eram concebidas como de igual valor: enquanto a palavra “homossexual” era utilizada em discussões políticas, mais formais, o termo “bicha” e outros de significado similar, como “viado”:

[...] teve grande parte de sua utilização vinculada à violência, ao universo folclorizado da homossexualidade e ao feminino, isso demonstra como a semântica estabelece hierarquias aos homossexuais com base nos padrões heteronormativos. A bicha por ser mais afeminada, é colocada em um padrão subalterno em relação a outros homossexuais (BRITO, Alexandre, 2016, p. 29).

Além de esvaziar esses termos de seus significados negativos, recorrer a esses perfis identitários “antiquados” trabalha também no sentido de expressar uma novidade de forma “disfarçada”, como coloca Certeau (1995, p. 65). As alterações, nas revoluções simbólicas, se inserem em um sistema de representações consolidado mediante novos empregos da linguagem já consolidada. Mas é justamente pelos novos usos desses termos conhecidos que pode ocorrer uma mutação: na brecha de um sistema, eles “anunciam o matiz de uma outra cultura, mediante uma tomada da palavra de tipo distinto” (CERTEAU, 1995, p. 66). Assim, apesar desse uso recorrente, não havia um tratamento igualitário quanto ao valor discursivo desses em relação a outros termos mais condizentes com uma identidade “mais atualizada”, e sim uma instrumentalização e ressignificação dessa linguagem previamente consolidada.

Além dessa categorização semântica desigual, apesar da sua posição de neutralidade, o jornal também divulgava discursos extremamente críticos às chamadas “bichas pintosas”, que não foram escritos por leitores ou colaboradores ocasionais, e sim por parte do conselho editorial. Na edição número 4, João Antônio Mascarenhas, membro fundador do jornal, classifica esse tipo de homossexual como aquele que “[...] fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris” (MASCARENHAS, 1978, n. 4, p. 9), enfatizando o caráter supostamente artificial dos que adotam comportamentos efeminados. Mascarenhas afirma que “[...] por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), acha-se a fornecer argumentos aos machistas, que se negam a admiti-lo como um homem comum” (MASCARENHAS, 1978, n. 4, p. 9). O autor escreve a partir de uma preocupação com o risco de associações generalizantes que tornem as práticas dos homossexuais efeminados como representativas do estilo de vida homossexual, e da consequente desqualificação social que isso acarretaria.

A análise de Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006) aponta que a visibilidade da “bicha louca” constituía uma atitude perigosa para o movimento homossexual, pois “[...] o sentido de marginalizar a bicha, da visibilidade que se construía, passava por uma necessidade de preservação social” (BANDEIRA, 2006, p. 115). Assim, eram marginalizadas as práticas dissidentes do padrão homossexual assumido e consciente proposto pelo jornal. A representação e produção discursiva através das manchetes, dos artigos e de algumas cartas de leitores sobre

homossexuais efeminados não conseguiu construir uma representação coerente sobre as práticas homossexuais que aceitasse a efeminação como uma opção individual possível e respeitável no contexto de inserção política. No discurso do “Lampião da Esquina”, o uso das denominações constituía uma luta entre as classificações utilizadas pelos editores para propor um ideal de homossexual. E, na perspectiva de João Antônio Mascarenhas, o perfil social de homossexualidade que estava sendo construído deveria divulgar o mínimo possível a efeminação na campanha por visibilidade construída no jornal. Esse aspecto revela como a masculinidade enquanto código identitário imposto e construído com base em subjetividades (OLIVEIRA. 2004) não é, obrigatoriamente, negada por aqueles que assumem sua homossexualidade. Apesar do imaginário social entender homossexualidade e masculinidade como opostos, uma parte dos homossexuais brasileiros, nesse momento de construção, busca um equilíbrio que permita que essa dissidência sexual seja uma das vivências acomodadas dentro desse modelo subjetivo que é a masculinidade.

Assim, ao analisar as tensões expressas sobre a identidade homossexual e suas nuances, percebe-se que o periódico se coloca muito mais como um espaço de construção ou discussão identitária, do que de simples divulgação de uma subcultura homogênea que busca se revelar à ampla sociedade. Seu pioneirismo como primeiro periódico de circulação nacional faz com que absorva todas essas diferentes perspectivas sobre o que deveria representar o homossexual nesse momento de se apresentar à sociedade enquanto agente social digno de respeito.

O “Lampião da Esquina” não representa um projeto acabado ou um processo linear e coeso de “conscientização homossexual”, mas sim uma chamada para que diferentes agentes, tendo acesso a discursos que destoavam dos até então divulgados sobre a questão, discutissem suas possibilidades de atuação e construíssem uma base discursiva que lhe representasse frente à sociedade nesse momento efervescente na história política, social e cultural do Brasil. Sem outras opções de mesmo alcance para divulgação dos seus discursos, todas essas diferentes, e conflitantes, perspectivas se aglutinam ao redor dessa publicação e buscam ser representadas, tornando o “Lampião da Esquina” um local de encontro e de conflito por validação dessas diferentes versões do que é, do que deveria ser e do que quer o homossexual brasileiro nesse momento chave da sua história.

5 CONCLUSÃO

“Lampião da Esquina” se consolidou não só como um dos marcos fundadores de um movimento social nascente no Brasil, mas como uma produção discursiva irreverente que busca quebrar paradigmas consolidados na imprensa e na sociedade, e inserir os homossexuais enquanto grupo com demandas próprias em um momento conturbado da história brasileira. Assim como todo evento histórico, é indissociável de seu contexto: como exposto, a Ditadura, que entende a homossexualidade como subversão moral e política, cerceia e dissolve, no campo ideológico e em suas políticas de ação, formas de sociabilidade, organização e representação homossexual que vinham se fortalecendo timidamente no Brasil, fazendo com que o momento de dispersão do regime seja propício para o retorno desses agentes - impulsionados, também, por um movimento mais amplo de politização da identidade que, além da sexualidade, mobiliza questões como gênero e raça.

Admitir a conexão do “Lampião da Esquina”, enquanto produção midiática, e do próprio movimento homossexual com o momento político marcado pela dinâmica ditatorial não nega a autonomia e o potencial criativo desse grupo social, expresso na fonte analisada: pelo contrário, possibilita a historicização desses agentes sociais e suas demandas. Ao analisar a conjuntura midiática no momento de fundação do periódico, é possível perceber que, apesar da consolidação de um espaço público que se denomina alternativo em relação à grande imprensa e seu apoio ao regime, predomina em ambas as instâncias os discursos desqualificadores associados à homossexualidade, fazendo-se necessário a criação de um espaço de expressão específico para a quebra desses paradigmas. Com particularidades que o diferenciam tanto da imprensa tradicional e alternativa quanto da tradição da imprensa homossexual, o “Lampião da Esquina” e seu discurso se constituem enquanto um ato de proclamação discursiva dos homossexuais, podendo ser entendido a partir do conceito de “tomada da palavra” de Michel de Certeau, que se relaciona a grupos emergentes no cenário político e sua necessidade de construção de representações simbólicas e discursivas (CERTEAU, 1995). Associado a esse aspecto de inovação e pioneirismo, quando realiza-se a leitura e o comentário de temáticas específicas vinculadas de forma recorrente na publicação, percebe-se que não é possível definir um perfil único e homogêneo para o “Lampião da Esquina”,

justificando sua concepção como espaço de construção, e não de divulgação, de um projeto de inserção social e política, além de estar diretamente ligado às tensões e conflitos do movimento e da comunidade homossexual da época.

Nesse sentido, ao analisar o contexto, a história e parte das páginas do periódico, percebe-se que ele reflete características da própria dinâmica dos homossexuais como grupo social emergente: a tentativa de formação de uma luta coletiva com outras minorias como opção para validar suas demandas e escapar do isolamento político; a animosidade com a esquerda marxista e outras formas política organizada; o questionamento ativo de perfis identitários associados à homossexualidade e a valorização da masculinidade como principal estratégia de representação socialmente aceitável para os homossexuais. O objetivo desse trabalho não foi - e não poderia ser - esvaziar o “Lampião da Esquina” enquanto fonte: muitos outros temas podem e merecem ser destrinchados, nessa e em outras perspectivas, como as estratégias discursivas para denúncia de violências homofóbicas, o debate sobre identidades sexuais ambíguas e sobre travestis e transsexuais, as distinções de classe dentro da comunidade homossexual, entre outros. Os temas selecionados e debatidos, assim como o contexto destacado, foram entendidos como os que, dentro do espaço limitado, mais diretamente poderiam esclarecer características que definem os primeiros passos da organização homossexual, levando em conta as demandas do contexto político mais amplo.

Ao comentar sobre o “Lampião da Esquina”, comparando-o a outros alternativos de cunho contracultural, Kucinsky (2001, p. 73) afirma que o jornal “começou elegante e terminou pornográfico”, mas não se aprofunda nesse comentário para além de indicar a publicação de nus eróticos no jornal já no fim de sua trajetória, e, mesmo assim, admite que isso se alinha à uma tendência mais ampla de expansão do mercado erótico com o abrandamento da censura (KUCINSKY, 2001, p. 73). Como estabelecido, os conflitos da comunidade e do movimento homossexual tornam o periódico uma publicação instável, que não consegue encontrar um perfil que agrade uma audiência dividida e sofre pelo caráter transitório e efêmero do seu projeto, característica comum a outros alternativos. Mas classificar o “Lampião da Esquina”, em seu fim, apenas como “pornográfico”, em comparação com outros alternativos que dispensavam o foco político marxista, parece ser uma atitude reducionista que projeta expectativas de homogeneidade e

estabilidade em um jornal produzido por um grupo social recentemente organizado politicamente, que tem como função justamente discutir a homossexualidade enquanto fenômeno múltiplo. O conteúdo e a produção discursiva do “Lampião da Esquina” fica mais caótico com o passar do tempo justamente pelo sucesso de um de seus objetivos principais: atrair a comunidade e o movimento homossexual para um espaço público reservado para eles, e tentar representar suas perspectivas e demandas, mesmo quando conflitantes. Com a abertura do mercado ao erótico e pornográfico, parece lógico que um jornal com foco na sexualidade se renda a esse tipo de publicação, mas é errôneo afirmar que o aspecto erótico se sobressaiu ou eliminou outras preocupações, como a intelectual ou cultural. “Lampião da Esquina” segue um caminho próprio das mídias alternativas que buscam representar movimentos sociais em fase de organização: se inicia como um projeto coerente de jornalistas e editores intelectualizados e com experiência profissional e é lentamente invadido por uma multiplicidade de vozes, posicionamentos e demandas de uma comunidade diversa (ATTON, 2001, p. 5). Além disso, vai sendo fragilizado por questões internas e externas ao jornal e ao próprio movimento, como é o caso da dinâmica de abertura e os impactos na imprensa alternativa como um todo.

Em sua última edição, de junho de 1981, a maior parte das páginas são ocupadas por discussões culturais, artísticas e identitárias, poucas menções sobre a política organizada - essa ausência pode ser explicada pelo conflito já mencionado sobre o teor político do periódico - e mesmo seções com teor sexual ainda trazem discussões importantes sobre as dinâmicas de relações homossexuais e sua visibilidade (LAMPÍAO..., 1981, n. 37). Até essa última edição, levando em conta as tensões, conflitos e mudanças ocorridas nesses três anos, “Lampião” cumpriu seu papel, enquanto mídia alternativa, de oferecer formas de comunicação para participantes excluídos do processo de produção midiática (ATTON, 2001, p. 14). Após o “apagar das luzes” do “Lampião da Esquina”, a imprensa homossexual sofre um hiato: mais e mais publicações destinadas a esse público começam a aparecer no mercado, mas poucas com seu foco e conteúdo intelectualizado e politizado (NETO; AMARAL, 2016, p. 106).

O conteúdo expresso pelo “Lampião da Esquina” ainda reflete preocupações importantes para o que, hoje, se define como movimento LGBTQ+ brasileiro: cada vez mais infiltrado pela dinâmica consumista que encontra nesse segmento populacional um mercado consumidor potente, muitos espaços de sociabilidade e

demonstração coletiva desse segmento acabam ganhando a imagem pública de festas espalhafatosas, apoiadas por grandes corporações e artistas e com um clima de festa que chega a demonstrar hostilidade à militância política (UZUNKAYA, 2022). Além disso, diferente do movimento LGBTQ+ norte americano, o movimento brasileiro não conseguiu, ainda, trabalhar na construção de um referencial histórico para sua luta, que incluiria fenômenos discursivos como o “Lampião da Esquina”, grupos como o SOMOS e momentos de repressão como a Ditadura - assim, combatendo a retórica reacionista, ainda presente, que coloca sexualidades e gêneros dissidentes como um fenômeno moderno, associado à degeneração dos costumes. Essa construção deve ser feita de forma ativa e consciente, e sua falta não pode ser justificada simplesmente pela falta de eventos e personagens que se qualifiquem como referenciais.

Nesse sentido, o “Lampião da Esquina” adquire relevância não só pelo significado que teve quando publicado, mas pelo potencial que apresenta enquanto material discursivo que comprova a historicidade da luta brasileira contra o modelo heteronormativo e as possibilidades revolucionárias contidas nessa luta. Não se trata de retornar às pautas e perspectivas trabalhadas pelo jornal ou de encará-lo como um manual para a luta LGBTQ+ no novo contexto do século XXI, mas de visualizar a possibilidade de um ato de “tomada da palavra” que buscou reconhecimento social e político da sexualidade como campo de luta e construiu bases reflexivas e meios de ação simbólica, para reconhecer esse potencial criativo nesse novo mundo de possibilidades que se abre com um movimento identitário mais complexo, relativamente bem posicionado social e politicamente e dotado de ampla visibilidade pública.

REFERÊNCIAS

AMOR Entre Mulheres (elas dizem onde, quando, como e porque). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 1, maio 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ANORMAL assassinado em Copacabana...(cada um tem a morte que fez por merecer?). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 5, nov. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ATTON, Chris. **Alternative Media**. London: SAGE Publications Ltd, 2002. 185 p.

A VOLTA do esquadrão mata-bicha: três crimes abalam a comunidade guei. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, p. 1, jun. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. “**Será que ele é?**”: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. Orientador: Professora Doutora Denise Bernuzzi de Sant’Anna. 2006. 129 p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, José D’Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, Maringá, v. 9, ed. 1, p. 125-141, 2005.

BITTENCOURT, Francisco. Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 9, maio 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BRITO, Alexandre Magno Maciel. **O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. Orientador: Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva. 2016. 137 p. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. “Um verdadeiro bacanal, uma coisa estúpida”: anticomunismo, sexualidade e juventude no tempo da ditadura. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 26, 2019.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 14, jun.-jul. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 17, ago.-set. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 11, dez. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 18, maio 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, p. 18, jun. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 27, p. 19, ago. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARTAS na mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 30, p. 18, nov. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CEDOC - CENTRO DOCUMENTAL PROF DR LUIZ MOTT (Curitiba). **Lampião da Esquina (1978-1981)**. In: **GRUPO DIGNIDADE** (Curitiba). Grupo Dignidade. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CERTEAU, Michel de. **La toma de la palabra y otros escritos políticos**. México: Universidad Iberoamericana, 1995. 195 p.

COMO aprender com os índios. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p. 5-7, jan. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

COWAN, Benjamin A. **Securing Sex: Morality and Repression in the Making of Cold War Brazil**. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2016. 510 p.

CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, ed. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CUBA: dez anos de caça às bichas. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 33, p. 10-15, fev. 1981. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Moral e comportamento a serviço da ditadura militar – uma leitura dos escritos da escola superior de guerra. **Anais do Fazendo Gênero 10: desafios atuais do feminismo**. Florianópolis, 16 a 20 de setembro de 2013, p. 1-10.

EM AGOSTO foi assim: Crioulo não é gente, bicha e mulher tem mais é que morrer. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, p. 1, set. 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

EPSTEIN, Barbara. Anti-communism, homophobia, and the construction of masculinity in the postwar US. **Critical Sociology**, California, v. 20, n. 3, p. 21-44, 1994.

FOUCALT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 151 p.

GAY-Macho: uma nova tragédia americana?. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 08, p. 8-9, jan. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Paulo: EdUFSCar, 2021. 330 p.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2019. 552 p.

HARCUP, Tony. Alternative journalism as active citizenship. **Journalism**, [s. l.], v. 12, ed. 1, p. 15-31, Janeiro 2011.

HOMOSSEXUAIS: a nova força. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 24, p. 1, maio 1980. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

HOMOSSEXUAIS se organizam. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 1, set. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

KRÜGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 32, ed. 2, p. 139-145, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001. 263 p.

LAMPIÃO da Esquina. Direção: Lívia Perez. Produção: Doctela. Fotografia de Felipe Vieira. Brasil: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://youtu.be/anEyLq-uvMc?si=Icyu-X2yJ5qE2a9b>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, jul. 1981. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LESBIANISMO, Machismo, Aborto e Discriminação - São as Mulheres Fazendo Política. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 1, abr. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LOPEZ, Rodrigo Cruz. Da censura ao camburão: a regulação da homossexualidade na Ditadura Civil Militar brasileira. **Temáticas**, Campinas, n. 56, p. 231-254, ago./dez. 2020.

LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 111 –153.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Bahia: SciELO - EDUFBA, 2018. 385 p.

MAIOR, Paulo Roberto S. Inventar os corpos: A luta discursiva das homossexualidades masculinas durante a ditadura militar no Brasil (1978-1981). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [s. l.], ano 418, v. 12, ed. 24, p. 447, Dezembro 2020.

MARCELINO, Douglas Attila. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970**. Orientador: Carlos Fico. 2006. 292 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARQUES, Marcelo de S. Status ontológico da Teoria do Discurso (TD) em Laclau e Mouffe: Diálogos, Perspectivas Teóricas e Conceitos Básicos. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 63, n. 2, p. 1-33.

MASCARENHAS, João Antônio. “Mimosas”, sim, mas é bom não confundir. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 9, ago.-set. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MULHERES do mundo. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, p. 5, abr. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NÃO somos turistas, somos fugitivos. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 7-9, dez. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NESSA democracia, quem manda é a minoria branca. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 10-14, ago. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>

NETO, José Miguel Arias; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). **Cuadernos.info**, [s. l.], ed. 39, p. 101-112, Dezembro 2016.

NOITES de sodoma. **Pasquim**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 332, p. 7, nov. 1975. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

NOSSAS gaiolas comuns. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 2, mai.- jun. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

O NEGRO é beautiful?. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 8, jul. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **"Gay-macho", "travesti", ou "bicha pintosa"**: A produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal **Lampião da Esquina** (1978-1981). Orientador: Profa. Dra. Ivonete Pereira. 2017. 192

p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Dissertação, 2017.

PESSOAL do Somos. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 7, set. 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PIOVEZAN , Adriane; FONTOURA, Antonio. Corpos censurados: moralismo no período da Ditadura Militar e a literatura de Cassandra Rios. **VII Congresso Internacional de História**, Universidade Estadual de Maringá., 2015. p. 2407-2418.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 416 p.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo: Quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Rachel Soihet. 2012. 373 p. Tese (Pós- Graduação em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SAINDO do gueto. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, p. 2, abr. 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SALES, Jean Rodrigues. Resistência, revolução e democracia: o debate sobre a luta armada na esquerda brasileira (1969-1985). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 31, e0206, set./dez.2020.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [s.l], v. 20(2), 2017.

SILVA, Marcília Gama da. O modus operandi do DOPS-PE e o seu papel em "Defesa da Segurança Nacional" de 1964-1985. In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (org.). **Pernambuco na mira do golpe**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. v. 2, cap. 9, p. 169-192.

SILVA, Sandro José. **Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade de Recife na década de 1970**. Orientador: Fabiana de Fatima Bruce da Silva. 2011. 214 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

SIMÕES , Almerindo Cardoso. **"E havia um lampião na esquina...": memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)**. Orientador: Lucia Maria Alves Ferreira. 2006. 136 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2006.

SOBRAL, Thasio Fernandes. **Movimentos homossexuais no jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima. 2019. 178 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, Sobral, 2019.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Clodovis, Bornais e Deners: uma análise sobre a "cruzada moral" contra os trejeitos e faceirices na televisão brasileira da ditadura militar. **Revista Ártemis**, Bahia, v. XXIII, ed. 1, p. 13-26, jan-jun 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 964 p.

TREVISAN, João Silvério. Quando o machismo fica no porão. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 11, maio 1979. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

UZUNKAYA, Mehmet. **Beyond Rainbow Capitalism**: Using pride marches for intersectional activism. Orientador: Prof. Lorenzo Perini. 2022. 79 p. Tese (Mestrado em Ciência Política) - Università degli Studi di Padova, Padova, 2022.

WEEKS, Jeffrey. Discourse, desire and sexual deviance: Some problems in a history of homosexuality. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter (org.). **Culture, Society and Sexuality**. 1. ed. London: Routledge, 2006. cap. 8, p. 125-149.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, v. 4, p. 89-102, 1985.